



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
CAMPINAS
Faculdade de Educação Física**

MAICON SERVÍLIO PEREIRA

O ENSINO DE ESGRIMA EM CADEIRA DE RODAS NO BRASIL

**CAMPINAS
2018**

MAICON SERVÍLIO PEREIRA

O ENSINO DE ESGRIMA EM CADEIRA DE RODAS NO BRASIL

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para obtenção do título de Mestre em Educação Física na área de Atividade Física Adaptada.

***Orientador:* JOSÉ JULIO GAVIÃO DE ALMEIDA**

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DEFENDIDA PELO ALUNO MAICON SERVÍLIO PEREIRA, E ORIENTADA PELO PROF. DR. JOSÉ JULIO GAVIÃO DE ALMEIDA.

CAMPINAS

2018

FICHA CATALOGRÁFICA

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): CNPq, 130459/2015-1

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação Física
Andréia da Silva Manzato - CRB 8/7292

Pereira, Maicon Servílio, 1985-
P414e O Ensino de esgrima em cadeira de rodas no Brasil / Maicon Servílio Pereira. – Campinas, SP : [s.n.], 2018.
Orientador: José Julio Gavião de Almeida.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.
1. Esgrima em Cadeira de Rodas. 2. Esgrima. 3. Esporte. 4. Pedagogia. 5. Esporte Adaptado. I. Almeida, José Júlio Gavião. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Teaching wheelchair fencing Brazil

Palavras-chave em inglês:

Wheelchair Fencing

Fencing

Sport

Pedagogy

Adapted Sport

Área de concentração: Atividade Física Adaptada

Titulação: Mestre em Educação Física

Banca examinadora:

José Julio Gavião de Almeida [Orientador]

Edison Duarte

Valber Lazaro Nazareth

Data de defesa: 28-02-2018

Programa de Pós-Graduação: Educação Física

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. José Julio Gavião de Almeida

Prof. Dr. Edison Duarte

Prof. Dr. Valber Lazaro Nazareth

A Ata da defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no processo de vida acadêmica do aluno.

DEDICATÓRIA

Ao meu amado irmão Célio Pereira

in memoriam.

AGRADECIMENTOS

- A Deus que nunca me esquece!
- Aos meus pais e irmãos: Maria Eliza e Manoel Pereira, Milena, Célia, Sérgio e Célio.
- A Laís Ko, amiga verdadeira, sempre fiel e parceira.
- Ao meu amigo orientador Prof. Dr. José Julio Gavião de Almeida e seus familiares.
- Aos meus amigos professores da FEF: Edison Duarte, Maria Luiza Tanure Alves, João Paulo Borin, Marco Uchida, Paulo Cesar Montagner, Carmem Lucia Soares, Paula Teixeira Fernandes, Roberto Paes, Miguel Arruda, Elaine Prodócimo e Silvia Cristina Franco Amaral os quais serão sempre foram um grande exemplo para mim.
- Aos amigos pesquisadores: Prof. Dr. Válber Nazareth, Prof. Dr. Marcelo Moreira Antunes, Prof. Ms. Enrique Ortega, Prof. Dra. Jalusa Storch, Prof. Dra. Aline Strapasson, Prof. Dra. Gabriela Harnisch, Prof. Dra. Mirian Mainenti, Prof. Dra. Danielli Mello, Prof. Ms. Fábio Machado, Prof. Ms. Ana Maria Fontoura dos Anjos, Prof. Ms. Luiz Gustavo e Prof. Ms. Artur Squarisi.
- Aos amigos da EsEFEx e EsPCEEx: Coronel Mauro Santos Teixeira, Comandante da Escola de Educação Física do Exército; General de Brigada Jorge Antônio Smicelato, Comandante do Centro de Capacitação Física do Exército; Tentente Petterle, Tenente Theófilo Braga, Tenente Paulo Juan, Tenente Stefano, Tenente Milagres, Tenente Gabriel Dondeo, Capitão Simões, Capitão Antony, Major Mello, Major Romão, Major Bolorinni, Tenente Coronel Arno e Coronel Cramer. A todos os Calções Preto, obrigado! Vida longa ao calção preto!
- Aqueles que ficaram ao meu lado nos momentos difíceis: Amayry Petterle, Theófilo Braga, Mariana Laporte, Marta da Costa, Danilo Guedes, Antony Pablo, Stefano Amaral, Samuel Milagres, Diego Gamero, Mariana Ferrari, Thálita Gonçalves, Lorena Otta, Cristiano Zago Galirpp, Lucas Borges, Grazielle Girardi e Leonardo Scarpato.
- Aos amigos funcionários da FEF: Beeroth, Paulo César, Geraldo, João, Dulce, Andréia, Simone, Emerson, Mário, Rafael e Paulo obrigado por tudo.
- Aos mestres d'armas Jean Delaplanque, Filippo Lombardo, Eduardo Nunes, Alexandre Teixeira, Kato e Giffoni.

- A equipe de esgrima da ADEACAMP, aos irmãos Athos Schwantes e Ivan Schwantes, Leo Sicsic, Bruno Ferreira, Tabea Alves, Marcos e Alex Souza (E.C.P.), LAU, aos amigos do sul, ADFP e Grêmio Náutico União.

- Aos amigos da corporação Gavião.

Muito obrigado! Abraço forte!

EPÍGRAFE

*“Percebe e entende que os melhores amigos
são aqueles que estão em casa esperando por ti!”*

Anjos de Resgate

RESUMO

A esgrima é um esporte de combate que tem por característica o objetivo de tocar sem ser tocado utilizando um implemento (arma). Devido às adaptações nas regras e na estrutura, a prática foi possível às pessoas com deficiência física/motora e caracterizada como Esgrima em Cadeira de Rodas. A prática de esgrima em cadeira de rodas já foi utilizada como ferramenta de reabilitação de pessoas com deficiência no momento pós Segunda Guerra Mundial. Em tempos modernos, a prática esportiva caminhou em direção ao esporte rendimento. No entanto, pouco foi explorado o campo da pedagogia do esporte aplicado à esgrima em cadeira de rodas, o que nos remete a um dos problemas que os profissionais de esgrima encontram e o qual baseia-se na dificuldade em adaptar as teorias de ensino da esgrima para a pessoa com deficiência por desconhecimento sobre as limitações e a deficiência que o aluno apresenta. Esta pesquisa tem como objetivo analisar o processo-ensino-aprendizagem na esgrima em cadeira de rodas no Brasil e verificar o método de ensino utilizado. O método utilizado na pesquisa é caracterizado como um survey e contou com a utilização de um questionário semiestruturado composto de doze (12) perguntas abertas aplicadas a profissionais que lecionam Esgrima para pessoas com deficiência física/motora. Este questionário possibilitou obter informações quanto aos métodos utilizados para lecionar esgrima em cadeira de rodas. A população e a amostra da pesquisa foram compostas por dez (10) profissionais de esgrima. A conclusão desta pesquisa compreende que os profissionais que ensinam esgrima em cadeira de rodas no Brasil utilizam diversas metodologias de ensino, no entanto, não há um método específico utilizado e que a adaptação do treino de esgrima convencional para a pessoa com deficiência é a maior dificuldade encontrada pelos profissionais.

Palavras chaves: *Esgrima em Cadeira de Rodas, Esgrima, Esportes-Pedagogia, Esporte Adaptado, Aprendizagem.*

ABSTRACT

Fencing is a combat sport characterized by the goal of touching without being touched using an implement (sword). Due to the adaptations in the rules and structure, the practice was possible by people with physical motor disability and characterized as Wheelchair Fencing. The practice of wheelchair fencing has already been utilized as a rehabilitation tool for people with physical motor disability post Second World War. In modern times, the sport practice became more performance focused. However, very little has been explored in terms of pedagogy of sports applied to wheelchair fencing. This fact bring us back to the problem that professionals of fencing find; which is based on the difficulty to adapt the theories of fencing to the person with disability for not understanding the limitations of the disability the student presents. This study aims to analyse the teaching-learning process of Wheelchair fencing in Brazil and also verify the current teaching methods by the professionals. The utilized method in this research is characterized as a survey and counted on the use of semistructured questionnaire composed by twelve (12) open questions applied to professionals who teach fencing for people with physical motor disabilities. This questionnaire provided informations about the current methods used to teach wheelchair fencing. The sample and population consisted of ten (10) fencing professionals. The conclusion of this research is that professionals who teach wheelchair fencing in Brazil use several methodologies, however, there is no specific method. Besides that, adaptation of conventional fencing training for people with disabilities is the greatest difficulty encountered by professionals.

Key words: *Wheelchair Fencing, Fencing, Sports-Pedagogy, Adapted Sport, Learning.*

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Quadro de Émile Antonie Bayard - Affaire d'honneur.....	28
Figura 2 – Quadro de Émile Antonie Bayard – “The Reconciliation”	28
Figura 3 – Delphin Balancier.....	38
Figura 4 – Cadeira de rodas de esgrima, face oposta à mão armada com apoio.....	41
Figura 5 – Cadeira de rodas de esgrima, face da mão armada sem o respaldo.....	41
Figura 6 – Punho belga.....	42
Figura 7 – Saia de isolamento de espada.....	42
Figura 8 – Placar eletrônico.....	43
Figura 9 – Florete, Espada e Sabre.....	44
Figura 10 – Florete.....	45
Figura 11 – Superfície válida para o florete.....	46
Figura 12 – Espada.....	47
Figura 13 – Superfície válida para a espada.....	47
Figura 14 – Sabre.....	48
Figura 15 – Superfície válida para o sabre.....	48
Figura 16 – Fixador (A e B)	53
Figura 17 – Ajustador de distância.....	53
Figura 18 – Base de apoio da cadeira de rodas. Vista lateral (A e B) e Superior (C)	54
Figura 19 – Afundo.....	55
Figura 20 – Sistema de interações das lutas.....	57
Figura 21 – Tempo de prática.....	66

Figura 22 – Tempo que leciona.....	67
Figura 23 – Quais armas leciona.....	67
Figura 24 – Quantidade de alunos.....	68
Figura 25 – Motivação para trabalhar com esgrima em cadeira de rodas.....	69
Figura 26 – Qual método de ensino utiliza.....	70
Figura 27 – A maior dificuldade em lecionar esgrima para a PCD.....	71
Figura 28 – Método de como aprendeu esgrima.....	72
Figura 29 – Tempo médio de aula de esgrima para PCD.....	73

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EsEFEX – Escola de Educação Física do Exército.

FIE – Federation Internationale D'escrime.

UPE – União Paulista de Esgrima.

FPE – Federação Paulista de Esgrima.

FME – Federação Metropolitana de Esgrima.

FCE – Federação Carioca de Esgrima.

UBE – União Brasileira de Esgrima

CBE – Confederação Brasileira de Esgrima

ECR – Esgrima em Cadeira de Rodas

EC – Esgrima Convencional

IWAS – International Wheelchair & Amputee Sports Federation.

IWFC - International Wheelchair Fencing Committee

PCD – Pessoa Com Deficiência.

CVI – Centro de Vidas Independente.

IPC – International Paralympic Committee.

CPSP – Clube dos Paraplégicos de São Paulo.

ANDE – Associação Nacional de Desporto Excepcionais.

ABRADECAR – Associação Brasileira de Desportos em Cadeira de Rodas.

ABDA – Associação Brasileira de Desportos para Amputados.

CBDS – Confederação Brasileira de Desporto dos Surdos.

CPB – Comitê Paralímpico Brasileiro.

DECEx – Departamento de Cultura do Exército.

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

JDC – Jogos Desportivos Coletivos.

LAMEC – Lutas, Artes Marciais e Esportes de Combate.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	17
1 – INTRODUÇÃO	19
1.1 justificativa.....	19
1.2 Problema.....	20
1.3 Objetivo Geral.....	20
1.3.1 Objetivos Específicos.....	20
1.4 Hipóteses.....	20
2 – REVISÃO DE LITERATURA	21
2.1 Gênese.....	21
2.2 A Esgrima na Antiguidade.....	23
2.3 A Esgrima Moderna.....	26
2.4 A Esgrima Contemporânea.....	30
3.0 A Esgrima no Brasil	35
4.0 Da Esgrima Convencional para a Esgrima em Cadeira de Rodas	40
4.1 A Esgrima em Cadeira de Rodas e suas Características.....	40
4.1.1 Florete.....	45
4.1.2 Espada.....	46
4.1.3 Sabre.....	48
5.0 A Esgrima em Cadeira de Rodas	50
5.1 No âmbito Internacional.....	50
5.2 O Desenvolvimento da Esgrima em Cadeira de Rodas no Brasil.....	52
6.0 METODO DE ENSINO DE LUTAS, ARTES MARCIAIS E ESPORTES DE COMBATE	57
6.1 A Pedagogia da Esgrima em Cadeira de Rodas.....	58

7 - MATERIAL E MÉTODO	62
7.1 Caracterização da Pesquisa.....	62
7.2 Caraterística da População e da Amostra.....	62
7.3 Critério de Inclusão e Exclusão da Pesquisa.....	62
7.4 Instrumentos para Coleta de Dados.....	62
7.5 Procedimentos para Coleta de Dados.....	63
7.5.1 Local de Coleta.....	63
7.6 Análise dos Dados.....	63
7.7 Considerações Éticas.....	63
8 – RESULTADOS E DISCUSSÃO	64
8.1 Quanto a Titulação da Amostra.....	64
8.2 Quanto a Formação Acadêmica dos Profissionais.....	64
8.3 Quanto ao Tempo de Prática dos Profissionais.....	65
8.4 Quanto ao Tempo que Leciona Esgrima	66
8.5 Quanto às Armas que Leciona.....	67
8.6 Quanto ao número de Alunos (com e sem deficiência)	68
8.7 Quanto à deficiência do aluno.....	68
8.8 Quanto à Motivação para Trabalhar com Esgrima em Cadeira de Rodas.....	69
8.9 Quanto à Utilização do Método Brassard e o Utilizado.....	70
8.10 Quanto à Dificuldade de Lecionar Esgrima para Pessoas com Deficiência.....	71
8.11 Quanto ao Método de como Aprendeu Esgrima.....	72
8.12 Quanto ao Tempo Médio de Aula Lecionada para Pessoas com Deficiência.....	73
9 - CONCLUSÃO	74
10 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	76
11 – APÊNDICES	79
Apêndice I - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	79
Apêndice II - Instrumento para Coleta de Dados.....	82

APRESENTAÇÃO

Nascido em Limeira – SP, filho de Maria Eliza Cabral Pereira e Manoel Messias Pereira. Ingressei em 2008 no curso de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP – Campinas). No mesmo ano me juntei a um grupo que trabalhava no projeto de extensão Escolinha de Lutas e participei até o ano de 2016.

Em 2009 conheci o esporte adaptado através de um amigo, prof. Dr. Márcio Morato. Este me convidou a participar de um curso de arbitragem de Goalball em Mogi Guaçu. Realizei o curso e desde então, passei a trabalhar em torneios e campeonatos pelo Brasil.

Em 2013 concluí o curso de graduação em Educação Física na modalidade licenciatura. Neste mesmo ano, conheci a esgrima em cadeira de rodas. No entanto, somente em 2014 passei a atuar efetivamente como técnico da equipe de esgrima em cadeira de rodas da Associação de Esportes Adaptados de Campinas (ADEACAMP).

Em 2015, reingressei ao curso de Educação Física e concluí a modalidade bacharelado. No mesmo ano recebi um presente de Deus, ou seja, fui admitido no processo seletivo de mestrado da FEF UNICAMP. Pude então ter como companheiros de laboratório pessoas incríveis como Gabriela Harnisch, Jalusa Storch, Romana Almada, Aline Strapasson, Luis Gustavo Santos, Luís Gustavo Pena e Luís Felipe Campos (Felix). Meu amigo e orientador foi o prof. Dr. José Julio Gavião de Almeida. E tive o prazer de ter como meus co-orientadores os professores Dr. Edison Duarte e prof. Dra. Maria Luiza Tanure Alves.

Durante o curso de pós-graduação colaborei como professor convidado nas disciplinas EF 315 - Luta turma B (noturno), EF 315 - Luta turma A (diurno) ministrando a aula sobre pedagogia do esporte aplicada às lutas e na disciplina EF631 – Esporte Adaptado ministrando aula sobre Goalball.

No ano de 2017, durante o mestrado, por incentivo dos professores Dr. Válber Lázaro Nazareth e Dr. José Julio Gavião de Almeida, ingressei na Escola de Educação Física do Exército no Rio de Janeiro (RJ), para estudar e praticar esgrima convencional. Local onde pude aprender mais e praticar a esgrima de maneira real e de qualidade. Retornei para casa com mais conhecimento de esgrima e com novas amizades. No retorno Campinas tive grande anseio em contribuir com a esgrima em cadeira de rodas brasileira. Então, em conversa com meu

amigo orientador decidimos trabalhar nesta perspectiva. Por este motivo minha proposta foi analisar o processo-ensino-aprendizagem na esgrima em cadeira de rodas no Brasil e verificar o método de ensino utilizado.

1 – INTRODUÇÃO

A luta constante do homem pela sobrevivência contribuiu com o desenvolvimento de métodos naturais de ataque e defesa, e de acordo com as necessidades do homem, a esgrima chegou a ter finalidades distintas. No entanto a esgrima passou por mudanças e ressignificações durante sua história de acordo com as necessidades específicas de cada época. Estas mudanças são comuns e muitas das vezes necessárias, inevitáveis e continuarão acontecendo, pois a cultura é algo mutável.

Nessa perspectiva de mudança, a esgrima pôde contribuir não somente para uma ação bélica necessária em certa época, mas também pôde proporcionar conquistas voltadas à reabilitação de pessoas com deficiência, cooperando na reinserção destas na sociedade.

Visto que o esporte é um fenômeno plural de infinitas possibilidades, a esgrima também pode ser considerada como tal. Se antigamente o pensamento bélico era o que predominava ao afirmar que era necessário ferir sem ser ferido, em tempos modernos o pensamento será tocar sem ser tocado. Tal pensamento advém do objetivo que o esporte insere MACHADO, GALATTI, PAES 2012,

A prática de esgrima pode estimular a pessoa com deficiência (PCD) à autonomia e independência, dentre outros benefícios como autoconfiança, aptidão física, e que não se revelam como foco primário deste Estudo. Vale registrar que tais valores globais serão possíveis se a prática for adaptada e adequada aos alunos, assim como se os limites da PCD forem respeitados e as suas potencialidades exploradas (GORGATTI, COSTA, 2008; MACHADO, GALATTI, PAES 2012, WINCKLER, MELLO 2012).

Contudo, a esgrima, até então, foi pouco explorada e pouco material didático de Esgrima em Cadeira de Rodas (ECR) foi desenvolvido a fim de que o processo de ensino de ECR possa ser promovido de forma efetiva e saudável.

1.1 – Justificativa

A prática da esgrima pode estimular a inclusão social, autonomia, independência, desenvolver a autoestima, otimizar a auto imagem, melhorar a condição física, dentre outros (CASTRO, 2005 apud NAZARETH, 2009, p. 99). No entanto, não há estudos específicos sobre processos de ensino aprendizagem de esgrima em cadeira de rodas.

1.2 – Problema

Dentre as diversas dificuldades no processo de ensino de esgrima que se podem identificar, a adaptação das teorias da esgrima convencional, voltando-se para o ensino da pessoa com deficiência é uma das dificuldades encontradas pelos profissionais de esgrima, porque esses comumente desconhecem a deficiência e suas limitações. Assim, deparamo-nos com a seguinte pergunta norteadora: como ensinar esgrima para a pessoa com deficiência considerando as limitações e as potencialidades do aluno?

1.3 – Objetivo geral

Analisar o processo-ensino-aprendizagem na esgrima em cadeira de rodas no Brasil e verificar o método de ensino utilizado.

1.3.1 – Objetivos específicos

Identificar as dificuldades e falhas no processo de ensino aprendizagem, revelar os obstáculos que ainda se fazem presentes para a pessoa com deficiência e para os profissionais de esgrima.

1.4 – Hipóteses

A abordagem do tema pedagogia da esgrima em cadeira de rodas é um tema relativamente pouco discutido. Porém, acredita-se que, por se tratar de um método de ensino pautado em progressão pedagógica, métodos comuns da escola de Esgrima convencional (tais como o brassard; tipos de lições; progressão pedagógica; teoria do treinamento) possam ser utilizados em conexão com métodos comuns à Educação Esportiva e em suas diferentes formas de manifestação (conteúdos esportivos a partir de referenciais da Pedagogia do Esporte) pelos profissionais de ensino.

2 – REVISÃO DE LITERATURA

2.1 – Gênese

Para o desenvolvimento do tema “ensino - aprendizagem da esgrima em cadeira de rodas”, é importante ter o conhecimento do processo histórico evolutivo da modalidade, para que este tema seja explanado no referencial histórico-cultural (MACHADO, GALATTI, PAES, 2012).

A luta constante do homem pela sobrevivência contribuiu para o desenvolvimento de métodos naturais de ataque e defesa. O desenvolvimento das guerras, das relações socioculturais e a luta pelo território possuem ligação direta com o desenvolvimento das armas brancas¹ e da esgrima². Não a mesma esgrima que se pode observar nos tempos modernos, mas aquela em que se utilizavam armas rudimentares e que resultavam no uso da brutalidade no combate a fim de liquidar o inimigo (FONTOURA DOS ANJOS, 2004). Pode-se tomar como exemplo, os agricultores que faziam uso de instrumentos de agricultura para defender o que tomavam por lar, propriedade e pertencimento (ANTUNES, ALMEIDA, 2016). Com o passar do tempo o homem adquire condições motoras de elaborar técnicas de ataque e defesa utilizando o menor esforço e causando o maior dano a partir de sua evolução anatômica e com desenvolvimento de sua inteligência. (ANTUNES, ALMEIDA, 2016; FONTOURA DOS ANJOS, 2004).

A literatura não define com precisão o momento do surgimento da esgrima. Nazareth (2009) sustenta que quase todos os povos da antiguidade clássica fizeram uso da esgrima.

De acordo com as necessidades do homem a esgrima chegou a ter finalidades distintas. Como aplicação na defesa de território ou pertence, para abater um animal de caça ou o inimigo, treinamento para a guerra, resolução de desavenças (os duelos), lazer e divertimento (o acompanhar dos combates de gladiadores nas arenas), prática esportiva, socioeducativa, reabilitação, dentre outros (FONTOURA DOS ANJOS, 2004; ANTUNES, ALMEIDA, 2016).

¹ Armas brancas: segundo Fontoura dos Anjos (2004), entende-se estas por objetos de corte e (ou) estocada.

² Esgrima: “... a arte de servir-se das armas brancas, para o ataque e para a defesa” (EsEFEX, 1985, p. 01 apud Nazareth, 2001, p. 25).

Há lendas que contam que a fabricação de armas é algo que foi ensinado aos gregos pelos deuses Vulcano e Marte (HERZER, 1996). Os gregos, de forma específica, os espartanos, foram os primeiros a exercitar o treinamento sistemático do manejo de armas brancas para serem utilizadas em guerras e, em seguida, os Romanos (NAZARETH, DUARTE, 2012). Porém, os tratados de esgrima mais antigos foram escritos na Espanha e Itália. (ANDRADE, 1950).

Os registros apontam que as primeiras espadas datam de 2000 anos antes de Cristo. Sendo a primeira de bronze a espada de Saragon que pertenceu ao primeiro rei de Ur na Caldéia (CRAMER, 1973; NAZARETH, 2001).

Vista a necessidade de melhorar as armas quanto a sua forma e a durabilidade, os Árabes desenvolveram o processo de resistência nas lâminas utilizadas em combate. Posteriormente, na Espanha, tem-se o aparecimento de um novo modelo de espada. Sendo esta mais curta e conseqüentemente mais veloz. A Espanha então introduz um novo jogo, a Esgrima Espanhola ou Espada Espanhola (ANDRADE, 1950). Conseqüentemente ocorre na Espanha o aperfeiçoamento da esgrima de ponta por meio de suas armas de excelente têmpera, de forma longa e fina. No entanto, os espanhóis não deixaram registros sobre o método de ensino. Método passado oralmente de geração a geração. Desta forma, nasce a Esgrima Moderna (HERZER, 1996).

A escola espanhola de esgrima leva o esporte para a França através dos soldados de Carlos V e para a Itália pelos próprios espanhóis. Os italianos não somente executam de forma excelente a esgrima aprendida como se tornam mais hábeis que os próprios mestres de estudo, exibem determinada didática para o processo de ensino e codificam a prática. Assim nasce a Escola Italiana de esgrima. Já a escola francesa, surge no século XVI por influência de Catharina de Medicis, esposa de Henrique II, rei da França. Catharina de Medicis solicita a vinda de grandes mestres d'armas³ de respeito da Itália com o objetivo de lecionar a esgrima para nobreza francesa (HERZER, 1996).

No século XVIII, ainda na França, a invenção da máscara de arame trançado por La Boissiere marca o surgimento da Esgrima Contemporânea (HERZER, 1996).

³ Professor especialista no ensino da esgrima.

2.2 – A Esgrima na Antiguidade

A prática da esgrima na antiguidade tinha por objetivo preparar o homem para as batalhas deixando-o em vantagem frente ao inimigo quanto às questões de sobrevivência (como matar ou morrer) (FONTOURA DOS ANJOS, 2004).

Muitos povos antigos (Caldeus, Egípcios, Gregos, Persas, Romanos e outros mais), viviam em conflitos constantes. A guerra era algo comum entre os povos e nesta prevalecia a utilização de armas brancas (exemplo: clavas, punhal, maça, dardo, entre outros.) e o combate corpo-a-corpo. Com tal fato é possível constatar a importância e o valor da esgrima e o porquê ocupou lugar de destaque entre os povos. Os conhecimentos sobre o manuseio das armas brancas⁴ foram passados geração a geração. O exército que possuísse a melhor esgrima triunfava (CRAMER, 1973; HERZER, 1996; FONTOURA DOS ANJOS, 2004).

As armas antigas passaram por um processo de evolução e de aperfeiçoamento que as deixou mais letais e conseqüentemente meios de defesa alternativos surgiram em detrimento desta, com isto a utilização de escudo, couraça⁵, capacete, luva e outros passam a ser utilizadas com mais frequência (HERZER, 1996; FONTOURA DOS ANJOS, 2004).

Na Grécia o treinamento abordava tanto o manejo de espadas quanto o manejo de escudos, principalmente para se defender em conflitos. Na época, uma famosa frase disseminada entre os combatentes de guerra era “regressa com ele (vivo) ou em cima dele (morto)” (Valarinho, 1993, p.8, apud Fontoura dos Anjos, 2004, p.26). Em todas as grandes cidades havia locais de treinamento de esgrima e os responsáveis possuíam reputação de esgrimista comprovada em provas públicas e em combates (HERZER, 1996).

Na Europa o treinamento do exército Romano foi efetivo a ponto de que sua superioridade na esgrima fosse evidente com qualquer inimigo. Segundo Valarinho (1993) apud Fontoura dos Anjos (2004), o método Romano era organizado, científico e orientado pelos Lanistes⁶.

Os Romanos tinham por base a tática de combate com utilização do escudo. Desenvolveram maestria em ataques de ponta ou de corte em alvos desprotegidos pela couraça

⁴ Objeto que possa ser utilizado em ação ofensiva ou defensiva.

⁵ Armadura feita de metal ou de couro.

⁶ Designação aos mestres d'armas oriundos das escolas de gladiadores.

ou outro. Conseqüentemente por possuir a melhor esgrima a vitória foi o resultado de muitas batalhas. (FONTOURA DOS ANJOS, 2004; HERZER, 1996).

A esgrima na antiguidade chegou a ser uma forma de entretenimento e diversão; gladiadores, que em sua maioria eram prisioneiros de guerra, escravos ou criminosos condenados, entravam em conflitos com a finalidade de divertimento dos espectadores (FONTOURA DOS ANJOS, 2004). Os nobres romanos possuíam tamanho apreço pela esgrima, que patrícios⁷ chegavam a entrar nas arenas para entrar em combate com gladiadores para colocar a prova seus conhecimentos de luta armada (HERZER, 1996).

Embora na maioria das vezes os gladiadores derrotados nas arenas tivessem a morte decretada no final de um confronto, eles aceitavam os combates, pois se conseguissem vencer várias lutas seguidas seriam libertados, além de adquirirem grande prestígio (FONTOURA DOS ANJOS, 2004).

A sociedade da época que acompanhava os combates participava ativamente decidindo se o gladiador derrotado deveria ser morto ou poupado, sendo quase sempre a escolha do público a morte para o gladiador derrotado (FONTOURA DOS ANJOS, 2004).

Com a chegada dos bárbaros pelo leste Europeu e sua disseminação pela Europa o império romano tem a sua queda. Este fato marca o início da Idade Média (final do século V). Nesta época a esgrima não é somente valorizada pela sua importância na guerra, mas também pelos “duelos judiciários⁸” (juízo de Deus⁹) e singulares (VALARINHO, 1993, p.8 apud FONTOURA DOS ANJOS, 2004, p. 28).

Outro fator que marca a esgrima da Idade Média é a utilização da força. Como as armas eram pesadas e rústicas o emprego da força no manejo dessas proporcionava ao combatente causar dano ao inimigo penetrando ou fragmentando armaduras e couraças (FONTOURA DOS ANJOS, 2004). Na Idade Média as cruzadas se manifestam e segundo

⁷ Cidadãos que constituíam a aristocracia da Roma Antiga.

⁸ “Uma categoria que era utilizada pelo Juízo de Deus” (FONTOURA DOS ANJOS, 2004, p.28).

⁹ “Vontade divina: decreto da providência; medida judicial usada outrora para determinar a culpa ou inocência do acusado submetendo-o a provas perigosas, tais como a do combate, do fogo, da água etc., supostas sob controle divino e das quais devia sair ileso para ser julgado inocente” (FONTOURA DOS ANJOS, 2004, p. 28).

Sellés (1994) apud Fontoura dos Anjos (2004), é neste período que a esgrima moderna se origina.

Confrontos a cavalo com a utilização de espadões fortes e compridos e lanças são substituídos por encontros a pé com implementos leves e rápidos favorecendo a substituição da força bruta por uma técnica mais apurada. De acordo com as novas necessidades, a esgrima se modifica com a influência dos bárbaros (para corresponder a estes) (FONTOURA DOS ANJOS, 2004).

A esgrima na Idade Média se desenvolveu em dois campos distintos.

“1) No campo militar, como parte integrante da técnica militar fazendo parte da Cavalaria, e tendo nos Torneios uma auréola de nobreza e romantismo. Os combates simulados a cavalo incluíam torneios entre grupos de cavaleiros, bem como justas¹⁰ entre combatentes individuais. 2) No campo da justiça, ou da honra, nos duelos, onde encontrou um meio magnífico de desenvolvimento e progresso. O duelo foi, na Idade Média, como na Moderna, o campo mais eficaz para examinar, reconhecer, fixar e julgar todos os princípios científicos da esgrima” (HERZER, 1996, p.13).

O objetivo do campo militar era reduzir a violência das guerras e proporcionar procedimentos e um código de honra aos senhores violentos da Idade Média. Estes baseavam-se em servir às damas e proteger os fracos. Revela-se então, segundo Fontoura dos Anjos (2004) a preocupação em estabelecer princípios éticos de conduta para a moralidade da esgrima.

O segundo campo, o da justiça (duelos), favoreceu o progresso da esgrima, pois ocorreu de forma natural, independente e livre das convenções e retenções estabelecidas. É na Idade Média e Moderna que se constata que a forma mais eficaz de se analisar, verificar, julgar e consolidar os princípios específicos da esgrima foram os duelos. A arma utilizada nos duelos era a nova arma espanhola *rapieira*¹¹ ou *rapière*. Esse implemento possuía como característica marcante o fato de ser leve e longo em relação às antigas espadas (FONTOURA DOS ANJOS, 2004; NAZARETH, 2009).

Os torneios no século XI da era cristã, também contribuíram para a evolução da esgrima e possuíam grande valor.

¹⁰ Duelo

¹¹ Arma espanhola que surge no século XVI. O significado da palavra rapieira corresponde a “espada ropera”, que quer dizer arma ligeira que dispensa a utilização de armadura (NAZARETH, 2009).

“(…) eram a mais alta inspiração da cavalaria, a glória dos moços e o ânimo do espírito dos velhos. Neste tempo, o torneio era considerado como o mais nobre dos exercícios, onde só os homens, representantes da nobreza poderiam participar. Ele era a festa solene onde os cavaleiros mostravam sua bravura agilidade e vigor nos jogos e combates cortesês com armas brancas. A princípio, revestia-se das mesmas características de um combate, depois foram surgindo os regulamentos que limitava e humanizavam os torneios” (FONTOURA DOS ANJOS, 2004, p. 29)

Os torneios eram realizados a cavalo ou a pé. Era declarado vencedor o combatente que conseguisse derrubar o oponente. Tais eventos eram promovidos não somente para provar seu destemor e sua destreza, como também melhorar a sua arte de guerra, mesmo em tempos de paz, sendo uma delas a esgrima (FONTOURA DOS ANJOS, 2004).

2.3 – A Esgrima Moderna

Não há consenso na literatura quanto ao local de origem da esgrima moderna. Andrada (1996), dentre outros consideram a Itália como berço da esgrima moderna. Valarinhos (1993), e outros, julgam que nasceu na Espanha por conta do desenvolvimento de sua excelente lâmina e também por conta dos espadachins presentes no século XV, XVI e XVII. Outros autores apontam a Alemanha como local de nascimento da esgrima moderna (FONTOURA DOS ANJOS, 2004). Porém, pode-se afirmar que o desenvolvimento da esgrima foi fortemente influenciado pela evolução do armamento.

“As armas que o homem aprendeu a construir foram evoluindo ao longo dos períodos históricos, primeiro de pedra, depois de bronze, em seguida de ferro e finalmente a descoberta do aço (uma mistura de ferro com carbono) que tornou as espadas bem mais leves, mais flexíveis, capazes de dar um melhor fio de corte ao longo de sua lâmina e também melhorou em muito a esgrima de ponta” (FONTOURA DOS ANJOS, 2004, p. 31).

Os espanhóis desenvolveram um tipo de aço mais leve que favoreceu a esgrima de ponta otimizando assim seu desempenho em combate. O desenvolvimento deu-se por influência dos povos bárbaros e dos árabes que habitavam a Península Ibérica. Esta influência resultou em uma lâmina flexível, de menor tamanho e peso leve, o que por sua vez culminou no desenvolvimento da esgrima de ponta (FONTOURA DOS ANJOS, 2004).

A utilização da pólvora na guerra foi classificada como um meio moderno de se guerrear. Já as armas e armaduras antigas e pesadas (como os espadões e as lanças), foram substituídas por espadas de ponta e de peso leve. Contudo, mesmo a realidade da velha arte de guerra da cavalaria em meio ao desaparecimento, o combate entre nobres com a utilização de lanças ganha popularidade (FONTOURA DOS ANJOS, 2004; HERZER, 1996).

Fontoura dos Anjos (2004, p.30) ainda reforça afirmando que:

“(…) com o aparecimento e desenvolvimento das armas de fogo, que a esgrima começou a se desenvolver e a aparecer com maiores habilidades técnicas, como nós a conhecemos hoje. Até então, nos tempos medievais, o peso das armaduras e das armas impossibilitavam um fácil manejo das mesmas. Mas, uma vez que essa indumentária perdeu seu propósito, as espadas ficaram mais leves e mais fáceis de manejar com uma só das mãos e, por isso, a destreza no seu uso passou a ser essencial, adquirindo nova importância como meio de vida e de morte.”

A arma de fogo proporcionava ao combatente apenas dois tiros por vez. Ao efetuar os disparos, o combatente, então neste momento desprovido de armadura, possuía como meio de defesa sua destreza com a esgrima. Por esta razão o combate simulado era frequentemente utilizado no treinamento para a guerra (FONTOURA DOS ANJOS, 2004; HERZER, 1996).

A habilidade de manejo da espada se torna uma necessidade da elite, sendo assim importante para o desenvolvimento do caráter do jovem nobre e resultando no crescimento da prática na Europa. (FONTOURA DOS ANJOS, 2004; HERZER, 1996).

Os duelos por honra tornaram-se algo comum. Visto a necessidade de reprodução de um combate real sem expor o instrutor e o aluno ao perigo, em meio ao século XVII, é criada uma arma de exercício. Essa era desprovida de gumes cortantes e com a ponta coberta por um botão. Tal arma recebe o nome de florete pelo fato do botão que protege a ponta se assemelhar a uma flor (FONTOURA DOS ANJOS, 2004).

O feudalismo influencia diretamente a perda do direito ao juízo de Deus pela classe baixa, o que deu vantagem aos vassalos. A honra e a possibilidade de defesa beneficiava um grupo específico, os *gentilshommes*. Alguns aspectos deste grupo seletivo influenciaram indiretamente nos duelos. “Os princípios morais da cavalaria e o conceito de honra que os acompanhava aumentaram os recursos ao duelo” (FONTOURA DOS ANJOS, 2004, p. 31). Os nobres se apresentavam sempre prontos a duelar.

Em detrimento das mortes que ocorriam nos duelos no século XVII e XVIII, ficou estabelecida a proibição da realização destes. Porém, mesmo com a interdição, os duelos se intensificaram, (FONTOURA DOS ANJOS, 2004; NAZARETH, 2001). Porém, nos séculos XVII e XVIII, eram realizados muitos duelos, especialmente na França. Padres, militares e mulheres também empregavam suas habilidades de esgrima nos duelos.

Os registros sobre os combates de mulheres são escassos. Porém, o pintor francês Émile Antonie Bayard em sua obra, *Affaire d'honneur* (Figura 1), retrata o duelo entre duas mulheres. Estas duelavam de saias volumosas e de tronco nu (FONTOURA DOS ANJOS, 2004).



Figura 1 - Quadro de Émile Antonie Bayard - *Affaire d'honneur*.



Figura 2 - Quadro de Émile Antonie Bayard – *“The Reconciliation”*

Segundo Fontoura dos Anjos (2004), “a espada logo passa a ser substituída pelo florete, que por ser mais leve e mais flexível, permitia grande variedade de ataques e defesas. A esgrima dava deste modo o seu primeiro passo para se transformar num desporto” (p. 39).

As salas d'armas¹² possuíam um trato o qual solicitava aos esgrimistas que não levassem o enfrentamento até as últimas instâncias. Exceto quando se trata de resolução de conflitos. Contudo, nenhum aluno poderia duelar sem a permissão do mestre (FONTOURA DOS ANJOS, 2004).

Outra ação tomada a fim de se diminuir acidentes e mortes banais foi a determinação das primeiras convenções. Estas estabeleceram que

“o atacado era obrigado a defender-se (parar o ataque) para a seguir executar uma ação ofensiva sobre o atacante (resposta) e somente quando ele retornasse a guarda, o qual deveria, obrigatoriamente, defender-se” (FONTOURA DOS ANJOS, 2004, p.38).

Fontoura dos Anjos (2004) relata que com a evolução das armas (se apresentando mais leves, curtas, ágeis, dentre outras mais) o manejo da arma, utilizando a ponta para desferir golpes, também evolui. E as técnicas de esgrima tornam-se mais velozes e complexas. Essas seriam utilizadas em duelos que eram comuns e frequentes. Nos confrontos o pensamento de quem duelava, que naquela ocasião se fazia necessária, compreendia em: “de fato é preciso ferir sem ser ferido, máxima que na esgrima desportiva é substituída por outra muito menos sangrenta: é preciso tocar sem ser tocado” (FONTOURA DOS ANJOS, 2004, p. 38).

Os primeiros tratados de esgrima foram escritos no final do século XV “primeiramente pelos espanhóis Jaime Pons de Perpignan em 1474, Luis Pacheco de Narváez em 1474 e Paulo de Torre em 1509, depois os Italianos: Pietro Moncio em 1509, Antônio Monciolino em 1531(...)” (FONTOURA DOS ANJOS, 2004, p. 33), e outros mais. Dentre esses nomes destaca-se o respeitado atirador¹³ Antônio Mansiolino, pois, é possível verificar que no Tratado há três posições de guarda¹⁴ semelhantes às posições de esgrima¹⁵ atuais (prima, segunda e oitava). Neste tratado Antônio Mansiolino também deu ênfase ao código de duelos (HERZER, 1996; FONTOURA DOS ANJOS, 2004). Outro personagem importante é o Mestre Marozzo, que publica em um de seus tratados, além dos fundamentos técnicos da esgrima, o

¹² Local específico de ensino e treinamento de esgrima.

¹³ Indivíduo que faz uso da arte do manejo das armas brancas (florete, espada e/ ou sabre)

¹⁴ Única posição que possibilita o atirador estar igualmente pronto para esgrimir.

¹⁵ “(...) os lugares tomados pela mão do atirador em relação às diferentes linhas que determinam as posições de esgrima” (EsEFEX, 19-?a, p.66).

código de ética para instruendos na sala d'armas¹⁶. O qual recebeu o nome de Regulamento da sala d'armas. Fontoura dos Anjos (2004) cita algumas das normas presentes no regulamento:

“Em primeiro lugar era exigido que o aluno fizesse o seguinte juramento: “juro pelo punho desta espada, como se fosse a cruz de Deus nunca empregar esta arma contra meu mestre”; Ninguém poderia bater-se (duelar) sem o consentimento do mestre; Jamais temer nada; Jamais comparar o valor de alguém, a não ser com a espada na mão; Não blasfemar” (p.35).

Já no século XVI, os renomados mestres italianos deixam o seu território para residir em outros países, sendo um destes a França, a convite de Catarina de Médicis. Na França os mestres italianos desempenharam o excelente trabalho de lecionar a esgrima para os nobres franceses. Contudo, os franceses ao passar do tempo, desenvolveram técnicas próprias, afastando-se aos poucos das características italiana. Caracterizando assim o surgimento do método francês e a supremacia francesa na esgrima (FONTOURA DOS ANJOS, 2004).

2.4 – A Esgrima Contemporânea

No século XVIII, com expansão da prática da esgrima muitos acidentes aconteciam, isto devido a falta de proteção do rosto. Com isto, visando reduzir estas casualidades surge, de forma grosseira, a máscara para proteção do rosto. Posteriormente, o mestre francês La Bossière a aperfeiçoa com uma estrutura de arame trançado (HERZER, 1996, NAZARETH, 2001). Este acontecimento marca o início da esgrima contemporânea.

O surgimento da máscara favoreceu a prática da esgrima e “a partir de então, gradativamente, a esgrima foi sendo abandonada como arma de combate para ser reconhecida como modalidade esportiva, igual a outros esportes” (NAZARETH, 2001, p.33).

O surgimento da máscara de fio trançado não somente favoreceu que os treinos acontecessem dentro da realidade da esgrima, como possibilitou que as frases d'armas¹⁷ fossem elaboradas de maneira longa. Favoreceu também o treino de as ações ofensivas como

¹⁶ Local de adequado para a prática e aprendizado de esgrima.

¹⁷ Troca de golpes caracterizadas pela sequência ininterrupta de ações ofensivas, defensivas ou contraofensivas durante o combate.

contrarresposta¹⁸, contra-ataque¹⁹, remessa²⁰, repetição²¹ e o desenvolvimento de outros. O que proporcionou aos atiradores esgrimir de forma veloz e sem colocar em risco a integridade dos olhos durante os encontros. Para que as ações ofensivas fossem desenvolvidas no seu máximo foi necessário o estudo racional da esgrima. Em consequência, infimos tratados de esgrima francês e italiano ressurgem (HERZER, 1996; FONTOURA DOSANJOS, 2004).

Com o passar dos tempos a esgrima sofre algumas ressignificações, sendo uma das mais importantes a mudança da intenção, que qual antigamente resumia-se em ferir sem ser ferido e posteriormente se apresenta como tocar sem ser tocado. Característica da esgrima desportiva. A forma de se combater também é alterada. Foi intitulada a convenção. Esta regra determina que o atirador que iniciou a ação ofensiva possui a prioridade, sendo esta última determinante para a validade de um toque considerado (FONTOURA DOS ANJOS, 2004).

Nas assembleias entre as escolas francesa e italiana de esgrima eram discutidos métodos, técnicas e simulação de duelos, colocando à prova táticas de combate. Nesses encontros os participantes transcendiam a prática a ponto de desapegar de suas verdades, até então absolutas, quando provadas técnicas superiores a estas ou quando comprovadas faltas. Com isto a prática esportiva se fortalece e a esgrima se aperfeiçoa cada vez mais com os encontros. Essas duas escolas conservam em si características que as diferem, de acordo com Andrada (1946) apud Fontoura dos Anjos (2004, p. 41), “na mobilidade, afundo²² e na guarda²³”.

Os combates eram comandados pelo “presidente de júri²⁴” (FONTOURA DOS ANJOS, 2004, p.41). Destarte houve descontentamento de muitos mestres, pois esses

¹⁸ Ação ofensiva executada após parar uma resposta ou contra resposta adversária.

¹⁹ Ação ofensiva, ou defensivo ofensiva executada sobre uma ação ofensiva adversária.

²⁰ “É a ação simples imediata que segue uma primeira ação sem retraimento do braço, após uma parada ou um recuo do adversário, seja porque este abandonou o ferro sem responder, seja porque respondeu tardiamente, indiretamente ou composto” (EsEFEX, 19-?a, p.204).

²¹ Novo ataque executado imediatamente após a volta à guarda.

²² Movimento corporal que pode complementar alguma ação ofensiva a fim de ganhar medida e tocar o adversário.

²³ Posição que permite ao esgrimista estar igualmente pronto para atacar ou defender-se. A guarda é adotada para iniciar ou reiniciar um combate.

²⁴ Árbitro do combate.

acreditavam que a contagem de toques poderia tirar a beleza da esgrima. Visto isto, segundo Valarinho (1993) apud Fontoura dos Anjos (2004, p.41), “algumas regras estabelecem, em certos casos, o respeito pelos princípios do rigor artístico e pelas leis e costumes cavalheirescos que os esgrimistas revelem”.

A arma espada surge no século XIX e torna-se uma arma obrigatória nos duelos pelo fato de o florete, que vinha sendo utilizado até então, ser mais perigoso que a espada. A esgrima de espada era excessivamente prudente e simplista, pois ela se limitava a uma espécie de estocada à mão ou ao antebraço. Os resultados destes encontros eram mais benignos, quase sempre sem ferimentos fatais, porém considerados suficientes para satisfazer o ponto de honra. Com isto o florete deixa de ser utilizado em duelos e praticado somente nas salas d’armas (FONTOURA DOS ANJOS, 2004).

A espada não era ensinada nem praticada nas salas d’armas por que não havia técnica definida. Posteriormente, foram acordados quais os fundamentos para esta nova arma. Muitos destes elementos foram mantidos do florete, porém atendendo a novas necessidades (FONTOURA DOS ANJOS, 2004; EsEFEX, 19-?b).

O sabre, arma que poderia ser utilizada a cavalo e a pé, segundo Fontoura dos Anjos (2004, p. 42) “tornou-se obrigatório para os militares de cavalaria de todos os países, nos séculos XVIII e XIX e sua expansão é acompanhada pelo desenvolvimento de teorias e métodos de ensinamentos próprios que passaram a fazer parte de todos os tratados de esgrima”. E transfigura-se no símbolo do oficialato²⁵ (NAZARETH, 2001).

O sabre, ou “Sciabola²⁶”, por ter passado pelo processo de adaptação de sua lâmina, recebendo lâminas mais finas ao final do século XIX pelos italianos, torna-se mais leve e rápido, em relação ao florete. Consequentemente o sabre converte-se em arma de duelo e de desporto, atraindo praticantes de fora do meio militar. Com a dedicação dos húngaros na esgrima de sabre, o aprimoramento de técnicas foi possível (FONTOURA DOS ANJOS, 2004; EsEFEX, 19-?c).

A esgrima passou por mudanças e ressignificações durante sua história de acordo com as necessidades específicas de cada época. E essas mudanças são comuns e muitas das

²⁵ Cargo de dignidade oficial nas forças armadas.

²⁶ Sabre em Italiano

vezes necessárias, inevitáveis e continuarão acontecendo. Pois a cultura é algo mutável e não estático.

Segundo Fontoura dos Anjos (2004),

“com o aparecimento de novas armas portáteis de fogo, principalmente da metralhadora, a esgrima fica restrita aos salões, perdendo seu largo emprego guerreiro após ter coroado e deposto reis e rainhas. Perdeu sua dinâmica, porque nas salas era imperioso que um toque fosse dado com nitidez e perfeição, ao contrário dos duelos e das batalhas onde um ferimento denunciava qualquer toque. Seu aspecto utilitário-guerreiro converteu-se em desporto. (p.42)”

No final do século XIX, foi realizada em Atenas a primeira edição dos Jogos Olímpicos da era moderna, e nessa foram promovidas apenas as competições de florete e sabre. A espada entra no programa dos Jogos posteriormente devido suas regras não estarem claramente definidas. As mulheres iniciam sua participação nos Jogos em 1924 com o florete e em 2004, nas olimpíadas de Atenas, passam a jogar o sabre (FONTOURA DOS ANJOS, 2004).

No dia 29 de novembro de 1913, nasce a Federação Internacional de Esgrima (FIE²⁷) com o objetivo de organizar, estabelecer e unificar regras, solucionar problemas frente às competições e determinar regulamentos específicos para estas. Os primeiros regulamentos de espada foram elaborados pelo marquês Chasseloup-Laubat. O mestre d'armas Camille Prèvest redigiu o regulamento do florete e do sabre o responsável foi Béla Nágay. Os regulamentos foram ratificados pelo congresso da FIE em 1914. Estes receberam o nome de Regulamento para as provas (FONTOURA DOS ANJOS, 2004).

Os primeiros aparelhos elétricos para a espada surgem em 1931 com o engenheiro francês Laurant. Posteriormente foi aprimorado pelo italiano Pagan. Em 1933 a FIE adere à utilização destes aparelhos. Em seguida, cria-se o aparelho para o florete e, tempos depois, para o sabre. Desde então os aparelhos são utilizados nas competições e acusam a materialidade do toque²⁸ (FONTOURA DOS ANJOS, 2004).

Com a inserção dos aparelhos elétricos a técnica e a tática sofreram influência diretamente. Segundo Cramer (1973),

“a esgrima abandonou, então, a forma estática, a alta técnica, para se basear em ações fulminantes, numa luta movimentada, calcada na perfeita padronização técnica de

²⁷ Federation Internationale D'escrime - Entidade que regulamenta e coordena as competições de esgrima no âmbito internacional.

²⁸ Se o toque de fato aconteceu.

alguns golpes fundamentais e do excelente condicionamento físico. Hoje é um esporte agonístico” (p.57).

Fontoura dos Anjos (2004) acrescenta afirmando que “a introdução do aparelho elétrico, representa na evolução da esgrima, um marco de importância equivalente à descoberta da pólvora, a invenção da máscara ou o aparecimento do florete” (p. 45).

3 – A ESGRIMA NO BRASIL

O conhecimento do contexto histórico da modalidade no Brasil (sua chegada, desenvolvimento e outros) será tratado neste momento com a finalidade de termos um referencial histórico-cultural e para que, assim, possamos compreender como vem se dando o desenvolvimento da modalidade em nosso país e, a partir destas informações, refletirmos e agirmos sobre os agentes influenciados e influenciadores relativos ao ensino e aprendizagem da Esgrima no Brasil.

A esgrima chega ao Brasil na época da colonização. O Renascimento fomentando a expansão marítima contribuiu para que os primeiros exploradores, no século XV, chegassem a terras brasileiras, conseqüentemente, as primeiras armas brancas e de fogo chegam ao Brasil. Três pontos favoreceram o desinteresse pela prática de esgrima no início. O interesse mercantil e não bélico dos colonizadores, a falta de pessoas capacitadas para desenvolver a esgrima e o clima local. Porém, na Europa a esgrima seguia se desenvolvendo organizadamente e fortemente nas Salas D'armas e Academias (CAMPOS, CRAMER RIBEIRO, 2007; FONTOURA DOS ANJOS, 2004; HERZER, 1996, NAZARETH, 2001; NAZARETH, 2009).

Herzer (1996) aponta que no período do Brasil Império a esgrima ganha atenção, porém, “(...) fica restrita aos treinamentos militares nos Corpos de Tropa” (p.17). Este interesse pela esgrima no Brasil é despertado pelas contribuições bélicas que essa poder trazer em combate.

“Nessa época, a prática da esgrima limitou-se à transmissão de noções rudimentares aos membros das capitânicas que fossem encarregados de sua defesa (...) e para tal as principais armas brancas utilizadas eram a espada de guarda em cruz, a rapieira, e a estramazão²⁹” (COLARES, 1998, p.5 apud FONTOURA DOS ANJOS 2004, p.47).

Em 4 de dezembro de 1810, os primeiros passos em direção ao ensino de esgrima no Brasil são dados através da elaboração da Carta Régia. Esta determina práticas corporais como natação, ginástica e esgrima como conteúdos obrigatórios nos cursos de cavalaria e infantaria na tradicional Escola Militar (antes chamada de Academia Real Militar) no Rio de Janeiro (FONTOURA DOS ANJOS, 2004, NAZARETH, 2009).

²⁹ Espada de dois gumes larga e antiga

Em 1822, a Proclamação da Independência, foi um marco para a esgrima. Segundo Nazareth (2009), até a proclamação, a esgrima era prática restrita a determinados grupos.

Em 11 de março de 1858, é estabelecido o decreto de lei de nº 2116, determinou a obrigatoriedade da prática da natação, ginástica e esgrima na Escola Militar da Praia Vermelha do Rio de Janeiro. Mais precisamente nos cursos de cavalaria e infantaria. E para tal ficou estabelecido que para as instruções haveria a presença de, além de outros profissionais, um mestre d'armas. Função respeitável que ficou a cargo do estrangeiro português Antônio Francisco da Gama. Paralelamente, essa mesma obrigatoriedade é determinada na Escola da Marinha. O português Antônio Francisco da Gama foi intitulado mestre de esgrima da Escola Militar em 1862 (FONTOURA DOS ANJOS, 2004).

Ainda em 1858, fica também estabelecido, por meio de um regimento, o conteúdo esgrima para os cursos de Infantaria e Cavalaria da Escola Militar de Realengo (RJ), ocorrendo, inclusive, a criação de uma escola de esgrima no Batalhão de Caçadores de São Paulo (CRAMER RIBEIRO, CAMPOS 2007).

Em 31 de outubro de 1868, é fundado o Clube Ginástico Português, posteriormente chamado de Real Sociedade Clube Ginástico Português. Esse foi primeiro clube do Brasil a desenvolver práticas de atividade física e o pioneiro no oferecimento de esgrima. Além de esgrima o clube proporcionava ginástica à nobreza, recentemente chegada de Portugal. Estes eram os esportes mais praticados pela nobreza europeia. A instrução de esgrima abordava o florete, a espada de combate, o sabre, a baioneta e teve como primeiro instrutor o belga L. De Wilde (FONTOURA DOS ANJOS, 2004). O clube Ginástico Português teve participação ativa no processo de desenvolvimento de esportes na cidade do Rio de Janeiro. Chegando a ser citado no jornal do comércio, em 23 de agosto de 1911, como Club Gymnastico portuguez (FONTOURA DOS ANJOS, 2004; NAZARETH, 2009).

“A precursora dos desportos cariocas através do seu lêma: Mens Sana in Corpore Sano. Essa raça mais forte, mais ágil, mais vigorosa que brilha nas pugnas athéticas do Rio moderno – remadores, nadadores, gymnastas, corredores, jogadores de football e tennis, athletas e esgrimistas (grifo nosso) – é bem a continuadora d'aquelles cujo esforço teve por thatro uma sala térrea e obscura na rua do hospício, e ovulo de que mais tarde saiu, como crysalida atraente, o moderno Club Gymnastico Portuguez” (FONTOURA DOS ANJOS, 2004, p. 48)

Em 16 e junho de 1884, por meio do decreto nº 9.251, a esgrima e outros esportes (ginástica, natação e equitação) foram incluídos nos cursos da Escola Militar do Rio Grande do

Sul. No mesmo ano a Escola da Marinha une-se ao Colégio Naval e estas juntas passam a constituir a Escola Naval. Nesta nova instituição a prática da esgrima junto a outros esportes (ginástica e natação) é mantida pelo decreto nº 9.611, de 26 de junho de 1884. No dia 9 de março de 1889, no Município da Côrte, por meio do decreto nº 10.202, é elaborado o Imperial Colégio Militar. Este possuía em seu programa esportivo tiro ao alvo, natação, ginástica e esgrima. (FONTOURA DOS ANJOS, 2004). Já em 22 de abril de 1871, são determinados os três conteúdos obrigatórios na, ainda, Escola Militar da Marinha (ginástica, natação e esgrima).

Se ao final do século XIX a esgrima inicia o processo de desprendimento do campo militar, no Brasil este vínculo é mantido por muito tempo. Segundo Nazareth (2009)

“Positiva ou não, a influência desta instituição na Esgrima nacional acaba sendo decisiva para sua organização nos anos seguintes, pois, por meio deles, é que chegam ao Brasil os primeiros Mestres D’Armas estrangeiros” (p 49).

Em 1907, chega ao Brasil a Missão Militar Francesa, a convite da Força pública de São Paulo. Este foi um momento importante para o desenvolvimento da esgrima no Brasil. A missão possuía em sua corporação o mestre d’armas, suboficial e diretor do curso de Esgrima e Ginástica Delphin Balancier. O objetivo do suboficial era formar os primeiros profissionais para trabalhar com esgrima e treinar os atiradores brasileiros (FONTOURA DOS ANJOS, 2004; HERZER, 1996; NAZARETH, DUARTE 2012). Em consequência a prática esgrima no Brasil foi estimulada nas escolas militares (HERZER, 1996).

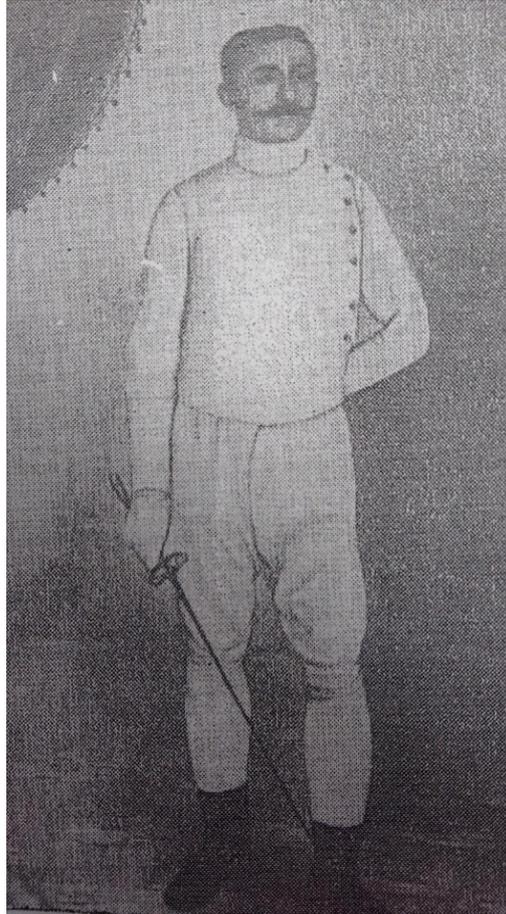


Figura 3 – “Delphin Balancier, do Exército Francês, integrante da Primeira Missão Militar Francesa junto à Força Pública do Estado, mestre d’armas e primeiro Comandante e Diretor do então “Curso de Esgrima e Ginástica”. – Morreu em combate, na 1ª Grande Guerra Mundial” (ANDRADE, 1950, p7).

No início do século XX, com as novas armas de fogo e a redução do combate corpo a corpo, a esgrima bélica resume-se a esgrima de baioneta, observada durante a 1ª Guerra Mundial (FONTOURA DOS ANJOS, 2004; NAZARETH, 2009).

No ano de 1914 é instituída a União Paulista de Esgrima (UPE) e em 1924 essa instituição passa a ser intitulada Federação Paulista de Esgrima (FPE), sendo a primeira federação esgrima criada no Brasil. A entidade atuou gerindo a modalidade no Estado de São Paulo (NAZARETH, 2009).

Em 1921, próximo ao ano do Centenário da Independência, chega ao Brasil o Mestre D’armas francês Capitão André Gauthier. O objetivo de sua vinda era capacitar os atiradores brasileiros para participar das Olimpíadas Sul-Americanas a serem realizadas no Rio de Janeiro no ano seguinte (AZEVEDO, 1936, apud NAZARETH, 2009). Os bons resultados alcançados pelos brasileiros na referida competição atraíram civis para a prática esportiva. Com isto muitos clubes da cidade do Rio de Janeiro passam a oferecer esgrima. Guanabara, Clube

Ginástico Português, Flamengo Futebol Club Opera, Naziolane Dopolavoro, América Futebol Club e o Club de Regatas Boqueirão (o qual oferecia esgrima desde 1903). Dentre os clubes supracitados o Guanabara ganha evidencia, pois foi o pioneiro entre os clubes a instituir uma sala D'armas para civis (AZEVEDO, 1936 apud NAZARETH, 2009).

Neste mesmo período chega ao Brasil o Mestre D'armas italiano Giovanni Abita, da *Escuola Magistrale di Roma*, com o objetivo de atuar na Escola da Marinha, do Rio de Janeiro, como instrutor (BASTOS, 1993, apud NAZARETH, 2009). Segundo Fontoura dos Anjos (2004), foram entre os anos de 1921 e 1924, com o apoio dos mestres Gauthier e Abita, que a esgrima brasileira se desenvolve fortemente a ponto de militares se filiarem a clubes para manter a prática.

“As salas d'armas do clube naval e do clube militar, em particular onde o trabalho era orientado pelo mestre Gauthier, funcionavam repletas, mas a partir de 1924, várias circunstâncias fazem com que o mestre Gauthier não encontre interessados no exército, o clube militar se desinteressou da questão, e a esgrima perdendo as suas principais posições passa a viver quase que exclusivamente no meio civil que estava em alta, tendo vários clubes com a prática regular da esgrima. Os militares então para continuarem sua prática, vão se filiar aos clubes” (FONTOURA DOS ANJOS, 2004, p. 56.”

No ano de 1922 o Ministério da Guerra funda o Centro Militar de Educação, o qual no ano de 1933 é intitulado Escola de Educação Física do Exército – EsEFEX (FONTOURA DOS ANJOS, 2004).

Em 1927, o Rio de Janeiro se organiza e cria a Federação Metropolitana de Esgrima (FME), que mais tarde passou a ser conhecida como Federação Carioca de Esgrima (FCE). Ainda em 1927, as federações de São Paulo e do Rio de Janeiro se unem em prol da esgrima nacional, formando assim a União Brasileira de Esgrima (UBE). Subsequentemente, em 1941, a UBE passa a se chamar Confederação Brasileira de Esgrima (CBE). Essa tem por finalidade reger e organizar a modalidade no país. Com o passar dos anos outras federações foram surgindo pelo país (no Paraná e Rio Grande do Sul) e a CBE, já estabelecida firmemente no Brasil, filia-se à Federation Internationale D'escrime (FIE), instituição que rege as regras da Esgrima Convencional (EC) no mundo. Sendo assim, as provas nacionais de EC passam a ser reconhecidas oficialmente pela FIE e desde então são realizadas as primeiras provas oficiais nacionais (FONTOURA DOS ANJOS, 2004; NAZARETH, 2009). Embora o Brasil concretizasse a filiação a instituição FIE em 1941, brasileiros participaram da competição de esgrima nos Jogos Olímpicos de Verão de 1936, realizado na cidade de Berlim (Alemanha) (GALIRPP, 2016).

4 – DA ESGRIMA CONVENCIONAL PARA A ESGRIMA EM CADEIRA DE RODAS

A adaptação de fundamentos e de partes específicas da esgrima convencional para a esgrima em cadeira de rodas pode influenciar no processo de aprendizagem da pessoa com deficiência. Por se tratar, na Esgrima Paralímpica, do referencial técnico-tático e que necessita ser compreendido também em sua forma dentro da Esgrima Convencional e para que assim seus conteúdos sejam adaptados para a pessoa com deficiência, trataremos neste momento das adaptações da Esgrima Convencional para a Adaptada.

4.1 – A Esgrima em Cadeira de Rodas e suas características

A Esgrima em Cadeira de Rodas (ECR) é um esporte de combate que teve suas regras adaptadas da Esgrima Convencional (EC) para que pessoas com deficiência física motora pudessem esgrimir com equidade.

São consideradas elegíveis às competições de ECR pessoas com deficiência física motora, das quais as mais decorrentes são amputações, acidentes vasculares, má-formação congênita e lesão medular (IPC, 2004 apud Nazareth e Duarte, 2012).

As armas e as regras utilizadas nos combates em ECR são as mesmas da EC. No entanto, com algumas adaptações. Sendo a cadeira de rodas e a saia de isolamento as principais adaptações.

Em competições nacionais e internacionais a cadeira de rodas de esgrima deve seguir as seguintes especificações determinadas no regulamento de material: ter

“(…) a) no máximo, 63 cm de altura do chão até o limite superior da almofada ou 53 cm de altura do chão até o limite do assento, sem almofada; b) o apoio do dorso deve ter, no mínimo, 15 cm de altura, desde o assento ou da almofada; c) a almofada não pode ter mais que 10 cm de altura e ter dimensão igual ao do assento da cadeira; d) a cadeira deve comportar um respaldo lateral de quadril do lado oposto à mão armada de, no mínimo, 10 cm de altura acima da almofada. Do lado da mão armada não pode haver respaldo de proteção do quadril; e) a cadeira deve ser totalmente isolada com algum tipo de material permanente do lado oposto” (Nazareth e Duarte, 2012, p. 112).

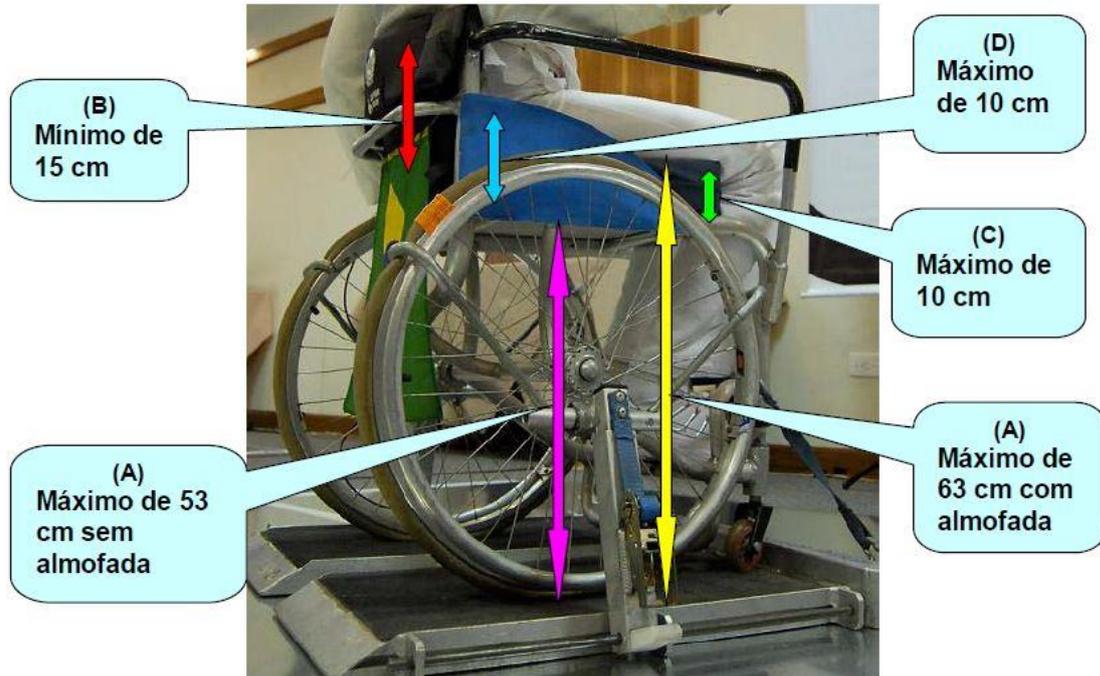


Figura 4 – “Cadeira de rodas de esgrima, face oposta à mão armada com apoio” (NAZARETH, 2009, p. 77).



Figura 5 – Cadeira de rodas de esgrima, face da mão armada sem o respaldo lateral (NAZARETH, 2009).

As competições de ECR podem ser individuais (convencional modo 1x1) ou por equipes (4x4). As regras sobre a duração de um match³⁰ são iguais às da EC (1 tempo de três minutos ou cinco toques na fase de *poule*³¹ e 3 tempos de três minutos para a fase de eliminatórias ou quinze toques). Em caso de empate em fase de poule ou eliminatórias

³⁰ Quando a pontuação final do combate é importante.

³¹ Fase classificatória de um campeonato de esgrima.

individuais ou por equipe, será aplicado o regulamento de provas da FIE (t.87.5a; b e t.87.6^a; b) (FIE, 2016) e da IWAS (IWAS, 2018).

A maneira de se empunhar a arma não difere da EC. Porém, a utilização dos punhos belga (ver figura 6) (proibido na EC) e francês (reto) é proibida devido a esses possibilitarem mais de uma forma de empunhar a arma. O que possibilitaria ao atirador aumentar a envergadura durante o match (FIE, 2016; IWAS, 2018).



Figura 6 – Punho belga (punho proibido)

Com a adaptação da cadeira de rodas os membros inferiores não são considerados área válida. Portanto, é regra nos combates de espada em ECR a utilização da saia de isolamento (ver figura 7) (NAZARETH, DUARTE, 2012).



Figura 7 –Saia de isolamento de espada.

Assim como na EC, a ECR faz uso de aparelhos eletrônicos (Figura 8) que auxiliam na verificação da materialidade do toque. Em algumas competições, quando definido por regulamento, há recurso de vídeo-arbitragem.



Figura 8 – Placar eletrônico

A esgrima é um esporte de combate que tem por característica o objetivo de tocar sem ser tocado utilizando um implemento (arma). Os combates se desenvolvem no padrão de um contra um. Os atiradores combatem como desejar, porém, de acordo com as regras e respeitando as normas fundamentais da modalidade determinada no regulamento de provas pré-estabelecido, os atos de desrespeito, violência, brutalidade e o contato corporal são proibidos e penalizados. “Assim sendo, a Esgrima seria definida como: esporte de luta sem agarre que tem como ação motora tocar o adversário com um implemento (florete, espada ou sabre), seja de ponta ou corte em diversas regiões do corpo” (GOMES, 2008, apud, NAZARETH, 2009, p. 67).

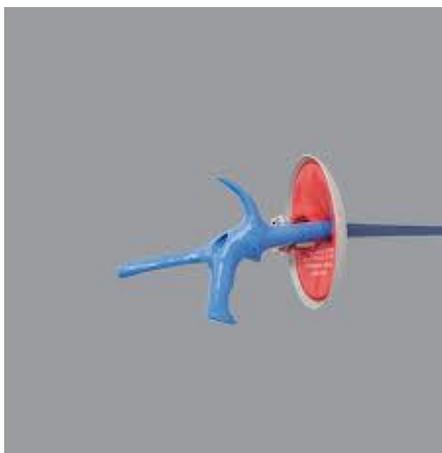
As competições são divididas em sexo e categoria (idade). As categorias são infantil, cadete, júnior, sênior e veterano. Cadete (deve ter menos de dezessete anos de idade), Júnior (idade limite vinte anos) e (para além das estipulações acima, não existe um limite máximo de idade para aqueles que tomam parte em qualquer outro evento oficial da FIE, exceto no que diz respeito às diferentes Categorias de Veteranos) veteranos (cinquenta à cinquenta e nove, sessenta à sessenta e nove e acima de setenta anos de idade) (FIE, 2015).

Com o passar do tempo a tecnologia foi um recurso que trouxe melhorias, tanto para esgrimir, quanto segurança para os atiradores. Os equipamentos necessários para esgrimir

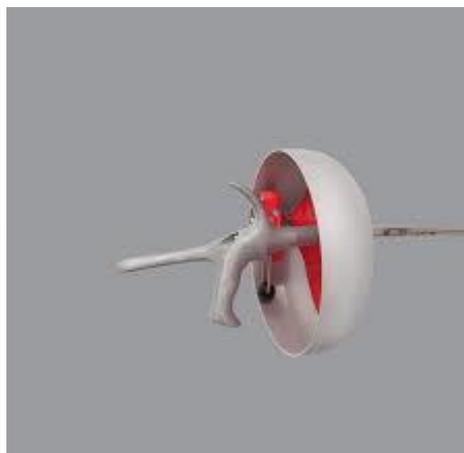
são: roupa completa (jaqueta, plastron de segurança³², calça e meião), tênis, máscara, luva, fio de corpo e arma (em caso de florete ou sabre adicione a lista colete metálico e fio de máscara).

A esgrima é constituída por três armas. Florete, Espada e Sabre. Estas diferem uma das outras pela forma de se jogar, a área alvo a se tocar e pelo seu formato (ver figura 9).

Todas as armas possuem dispositivos que ao tocar as áreas válidas desencadeiam o acender das luzes do aparelho elétrico validando o toque. E por regra, somente o acender das luzes fazem valer um toque. Exceto em caso de toque de penalização³³ ou por cobertura de superfície válida (IWAS, 2018).



A – Florete de punho anatômico.



B – Espada de punho anatômico



C - Sabre

Figura 9 – Florete, espada e sabre

³² Equipamento de segurança popularmente conhecido como “meia manga”.

³³ Manifestado com um cartão vermelho que declarará o atleta punido tocado e, conseqüentemente, será concedido ao oponente um ponto (FIE, 2016).

As armas, em momento algum, podem

“(…)de modo permanente ou temporário, aparente ou disfarçado, a ser transformada em arma de arremesso. Ela deve ser manejada sem que a mão abandone o punho e, no decorrer de uma ação sem deslizar sobre o punho da frente para trás” (DECEX, 2017, p. 21).

As provas oficiais da IWAS incluem as três armas nos campeonatos Mundiais de todas as categorias, para as provas de esgrima dos Jogos Olímpicos (no pentatlo moderno somente a arma espada), as competições da Copa do Mundo e os campeonatos de zona.

O combate em fase de poule³⁴ tem duração de um tempo de três minutos ou cinco toques. Já na fase de eliminatórias são três tempos de três minutos, com um minuto de intervalo entre os tempos, ou quinze toques.

4.1.1 – Florete

O florete é uma arma que possui a lâmina retangular e o toque é materializado quando efetuado com a ponta da arma, ou seja, de estocada. Esta é considerada por algumas escolas como uma arma de estudo.

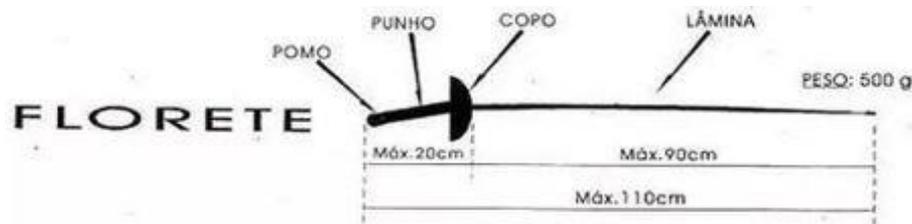


Figura 10 - Florete. Silva, 2000, p. 15, apud Nazareth, 2001, p.43.

O florete possui como área válida o tronco (ver figura 11).

A área considerada como superfície válida exclui os membros superiores, inferiores e a cabeça. Ela é limitada ao tronco, terminando na parte superior da gola, até seis centímetros acima da parte superior das clavículas. Ela compreende também a região denominada barbela. Localizada abaixo de uma linha horizontal entre 1,5 e 2 cm abaixo do queixo que, em todo caso, não pode estar mais abaixo que a linha das espáduas. Um toque efetuado em superfície denominada não válida (área escura da figura 11A) (seja diretamente ou por resultado de uma ação defensiva qualquer) não será considerado como toque válido (exceto em caso de cobertura

³⁴ Fase de grupo

de superfície ou substituição de área válida). O toque efetuado em área válida ou não válida interromperá a frase d'armas e anulará toda ação que acontecer posteriormente (IWAS, 2018)

Para iniciar um combate no florete é necessário ajustar a distância entre os atiradores. O atirador que possui a menor envergadura deverá colocar sua arma em linha com a ponta voltada para o cotovelo do braço armado oponente, no entanto, a ponta da arma deverá alcançar a região posterior do cotovelo. O outro atirador deverá estar com braço armado flexionado formando um ângulo de noventa graus entre o braço, antebraço e arma. A ponta da arma deverá estar voltada para cima de acordo com a figura 11 B.

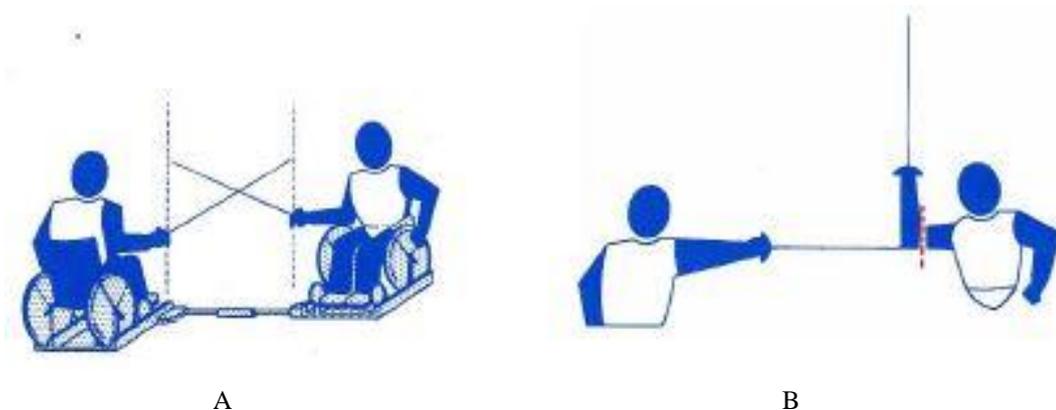


Figura 11 – Superfície válida para florete (área branca) (IWAS, 2018, p. 23).

Como visto anteriormente, o florete possui em sua regra a convenção. Esta regra determina que o atirador que inicia uma ação ofensiva possui a prioridade para realizar um toque. Sendo assim, toda ação ofensiva inicial, executada corretamente, deverá ser parada, ou esquivada, para que o atirador que recebe a ação ofensiva conquiste a prioridade do toque. Outra ação para se ganhar a prioridade é agir sobre o ferro adversário (ataque ao ferro³⁵) (IWAS, 2018). Esta regra de convenção amplia-se também para o sabre.

Durante o combate o árbitro após um toque efetuado dirá aos atiradores a frase d'armas que acabara de ocorrer (IWAS, 2018).

4.1.2 – Espada

A espada é uma arma que não possui convenções. A lâmina é triangular e seus golpes visam tocar com a ponta, e o acender das luzes do aparelho elétrico materializam o toque.

35 "(...)São ações mais ou menos pronunciadas executadas sobre o ferro adversário e tendo por objetivo preparar e facilitar a ofensiva pelas reações que eles provocam" (EsEFEX, 19-?a, p 159).

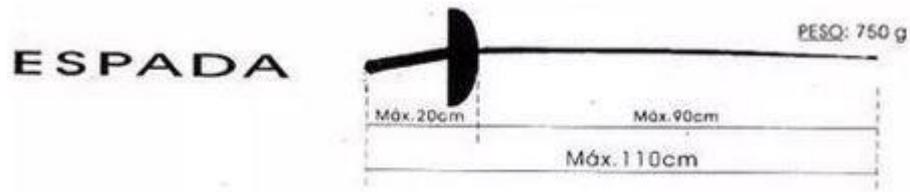


Figura 12 – Espada (NAZARETH, 2001, p.43)

A superfície válida na espada compreende o corpo todo (área branca da figura 13).

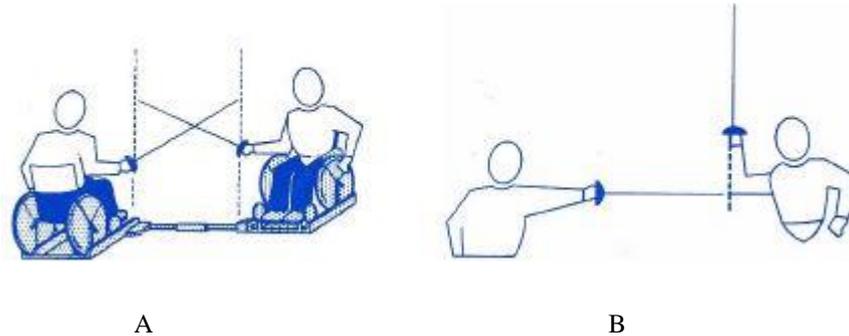


Figura 13 – Superfície válida para espada (área branca) (IWAS, 2018, p. 28).

O ajuste da distância inicial em um combate de espada é distinto do realizado em florete. O atirador que possui a menor envergadura deverá colocar sua arma em linha com a ponta tocando o cotovelo do braço armado oponente (de acordo com a figura 13 B). Estando este último com braço flexionado de forma que o cotovelo forme o ângulo de noventa graus e a ponta da arma voltada para cima.

É importante salientar que devido à variação de empunhadura possibilitada pelo punho francês (reto), proporcionando um determinado ganho de medida³⁶, é proibida a utilização do punho reto em competições de ECR. Utiliza-se o punho anatômico. No entanto, a utilização do punho reto em treinamentos pode desenvolver no atirador o *doigté*³⁷ e o sentimento de ferro³⁸.

³⁶ Distância entre um atirador e outro. “As expressões ‘ganhar medida’ e ‘sair da medida’ são bastante usadas e significam respectivamente, se colocar em distância na qual se pode tocar o adversário e fora do seu alcance, em distância na qual o adversário não pode tocar” (DECEX, 2017, p. 6-1).

³⁷ Habilidade de conduzir a ponta da arma na defensiva, ofensiva e contraofensiva somente pela ação dos dedos polegar e indicador.

³⁸ “(...)Sexto sentido do esgrimista. Permite prolongar a sensibilidade tátil até a extremidade da ponta da arma”. (DECEX, 2017, p.3-7)

Quando o aparelho registra o toque de ambos os atiradores, estes são declarados tocados e um ponto é concedido a cada um (IWAS, 2018).

4.1.3 – Sabre

O manejo de armas brancas de corte é a mais antiga e dominou toda a Idade Média. O sabre por sua vez é uma arma de corte, contra corte e de estocada. Ou seja, golpes que atinjam a superfície válida pelo corte (face da lâmina voltada para o oponente), contra corte (face da lâmina voltada para quem empunha o sabre) ou com a lateral da lâmina são considerados válidos (ESEFEX, [19-?c]; (IWAS, 2018).

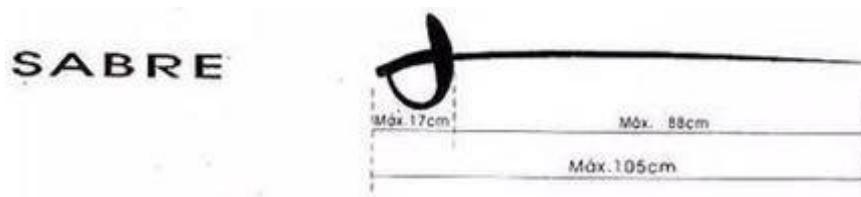


Figura 14 – Sabre (NAZARETH, 2001, p.43)

O sabre possui a lâmina triangular e também é uma arma de convenção. A área válida compreende a parte do corpo localizada acima da linha horizontal da cintura, o tronco, membros superiores (com exceção das mãos) e a cabeça (ver figura 15) (IWAS, 2018). A frase d'armas no combate de sabre também será fornecida.

O monitoramento da duração de um combate de sabre ocorre de forma distinta das demais armas. Na fase de poule, o jogador que primeiro a atingir 5 pontos é declarado vencedor. E na fase de eliminatórias, quando algum atirador atinge o oitavo ponto, um minuto de pausa é concedido aos atiradores. Após o minuto de pausa o combate é retomado e termina quando o décimo quinto ponto for efetuado (IWAS, 2018).

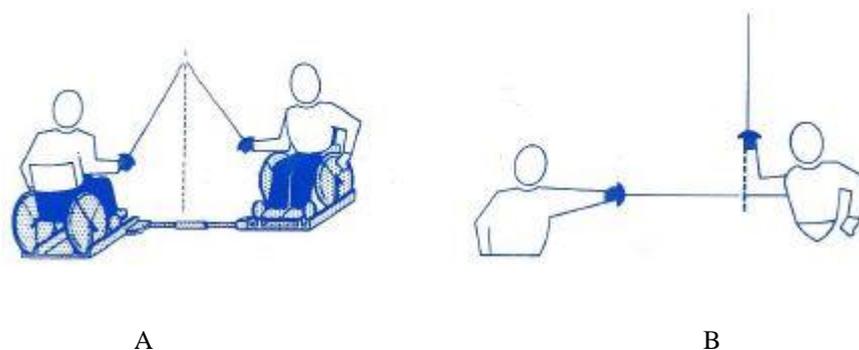


Figura 15 – Superfície válida para sabre (área branca) (IWAS, 2018, p. 31).

A distância no sabre é ajustada de maneira igual a da espada.

O toque que chegar em superfície não válida não será contabilizado e não interromperá a frase d'armas. Se em combate o atirador substituir uma área válida por outra não válida, seja por movimento desordenado ou por cobertura, lhe será aplicado sanções de penalização. Caso o atirador faltoso efetue o toque nestas condições não lhe será concedido o toque (ponto) (IWAS, 2018).

5 – A ESGRIMA EM CADEIRA DE RODAS

5.1 – No âmbito internacional

A modalidade esportiva Esgrima em Cadeira de Rodas (ECR) é uma adaptação da modalidade Esgrima Convencional (EC). O principal objetivo da adaptação do esporte convencional foi o de auxiliar no processo de reabilitação de lesionados de guerra, além de fomentar a reinserção destes na sociedade (MIRANDA, 2011).

Em 1953, a ECR foi apresentada nos primeiros Jogos de Stoke Mandeville, e faz parte do programa dos Jogos Paralímpicos desde sua primeira edição em 1960 em Roma (Itália) (WINCKLER, MELLO 2012; ALMEIDA, PATATAS, GOMES, 2013). Porém, há relatos que esta prática foi promovida (como demonstração) nos Jogos de Londres em 1948.

Países como Itália, França e Inglaterra, pela tradição que possuíam na modalidade, foram os primeiros a desenvolverem a ECR no mundo. Há registros de que a primeira competição oficial de ECR foi uma prova de sabre, promovida em Stoke Mandeville, no ano de 1955.

No ano de 1960, em Roma (Itália), ocorre a primeira edição dos Jogos Paralímpicos, e assim como a EC, que esteve presente nos Jogos Olímpicos desde sua primeira edição em 1986, a ECR é incluída no programa dos Jogos, agora declarado, Paralímpicos. Nesta primeira edição dos Jogos Paralímpicos a França sugere um regulamento específico para a ECR baseado no regulamento da Federation Internationale D'escrime (FIE)³⁹ que instituía as normas a serem seguidas nas provas nacionais e internacionais da EC (NAZARETH, DUARTE, 2012).

Em 1964, nas Paralimpíadas de Tóquio (Japão), as três armas passam a integrar as provas de ECR. O florete, por ser considerado arma de estudo, fica restrito aos atiradores iniciantes. Com o passar dos anos as três armas são disputadas por homens e mulheres (NAZARETH, DUARTE, 2012).

A instituição responsável pela modalidade esportiva ECR em nível internacional, é a *International Wheelchair & Amputee Sports Federation (IWAS)*, que possui como seu órgão subordinado a *International Wheelchair Fencing Comitte (IWFC)*. Essa por sua vez tem a função de gerenciar as ações organizativas da ECR no mundo (NAZARETH, DUARTE, 2012).

³⁹ Regulamento da EC referente às três armas, generalidades do jogo e outros.

A Esgrima Convencional (EC) teve suas regras adaptadas para que a PCD pudesse esgrimir em situação de equidade. Para isto, em 1987, a alemã Rita Strohm sugere para o campeonato europeu de Glasgow um sistema de classificação funcional. Este sistema foi utilizado pela primeira vez nos jogos de Seul em 1988. A classificação de atletas para a competição em ECR é baseada em cinco (5) classes agrupadas em três (3) categorias. Sendo estas: categoria A que compreende as classes 3 e 4, B classe 2 e C classes 1A e 1B, conforme o quadro 1 (categorias da esgrima em cadeira de rodas conforme a determinação da classe).

5.2 – O desenvolvimento da Esgrima em Cadeira de Rodas no Brasil

O início da prática de ECR no Brasil se dá pelos próprios interesses da Pessoa com Deficiência (PCD). Em 1990, a atleta brasileira Andréa de Mello, muda-se para os Estados Unidos da América (EUA) para buscar tratamento e inicia seus treinamentos na modalidade ECR. Embora Andréa residisse nos EUA, nas competições internacionais a atleta representava o Brasil. Andréa torna-se um importante nome da modalidade no Brasil não somente por ser a primeira a representar o país na modalidade, mas também por ser uma das primeiras atletas de ECR na América (NAZARETH, DUARTE, 2012).

No ano de 2002, na perspectiva do lazer, sob o comando do mestre D'armas Válber Lázaro Nazareth, no Departamento de Fisioterapia do Centro Universitário Hermínio Ometto (Uniararas – Araras-SP) surge o primeiro grupo de praticantes de ECR. No entanto, com o interesse do grupo ao decorrer do tempo e com o avanço nos trabalhos surge, entre os próprios atletas, a vontade de expandir o conhecimento para participar de competições (NAZARETH, DUARTE, 2012). No contexto da administração dos esportes em cadeira de rodas no Brasil, a Associação Brasileira de Desportos em Cadeira de Rodas (ABRADECAR) era a instituição reconhecida pela IWAS e responsável pela a ECR no país (NAZARETH, DUARTE, 2012).

Ainda em 2002, foi realizado nas dependências do Serviço Social do Comércio de São Carlos (SESC – São Carlos) o Simpósio de Atividades Motoras Adaptadas de São Carlos. Neste evento foi promovida a primeira clínica de Esgrima para pessoas com deficiência. O objetivo do evento era disseminar a modalidade para os profissionais de Educação Física (GALIRPP, 2016).

No ano de 2003 chega ao Brasil o primeiro fixador de cadeira de Rodas por meio da concessão da International Wheelchair & Amputee Sports Federation. Então, os primeiros campeonatos oficiais são realizados no Brasil (NAZARETH, DUARTE, 2012). O fixador de cadeira de rodas é um dispositivo específico utilizado para impedir a movimentação da cadeira por meio de uma trava dianteira e duas laterais. Segundo Galirpp (2016), “os primeiros fixadores foram produzidos pela Itália, era de material muito pesado e de difícil manejo” (p.24). Em 2004, nos Jogos Paralímpicos de Atenas (Grécia), o fixador a ser utilizado apresenta certa evolução. O equipamento utilizado se apresenta mais leve e resistente (GALIRPP, 2016).

O fixador de cadeira de rodas (ver figura 16) prende a cadeira para que o esgrimista possa se movimentar sobre ela de modo que não vire nem se desprenda.

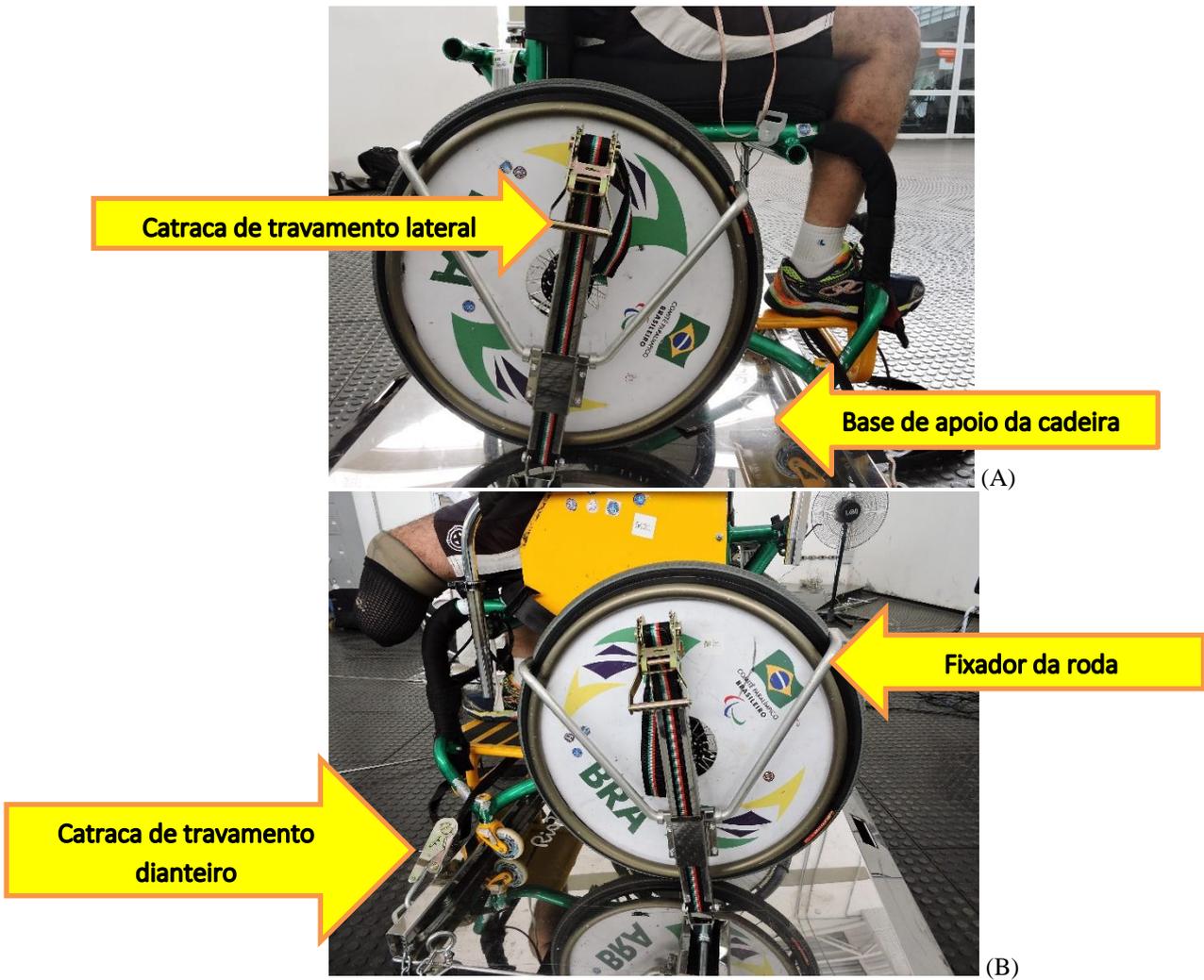


Figura 16 (A) (B) – Fixador. Fixador da roda e catraca de travamento dianteiro da cadeira de rodas. Fonte: Arquivo pessoal de Maicon Servílio Pereira.



Figura 17 – Ajustador de distância. Fonte: Arquivo pessoal de Maicon Servílio Pereira.

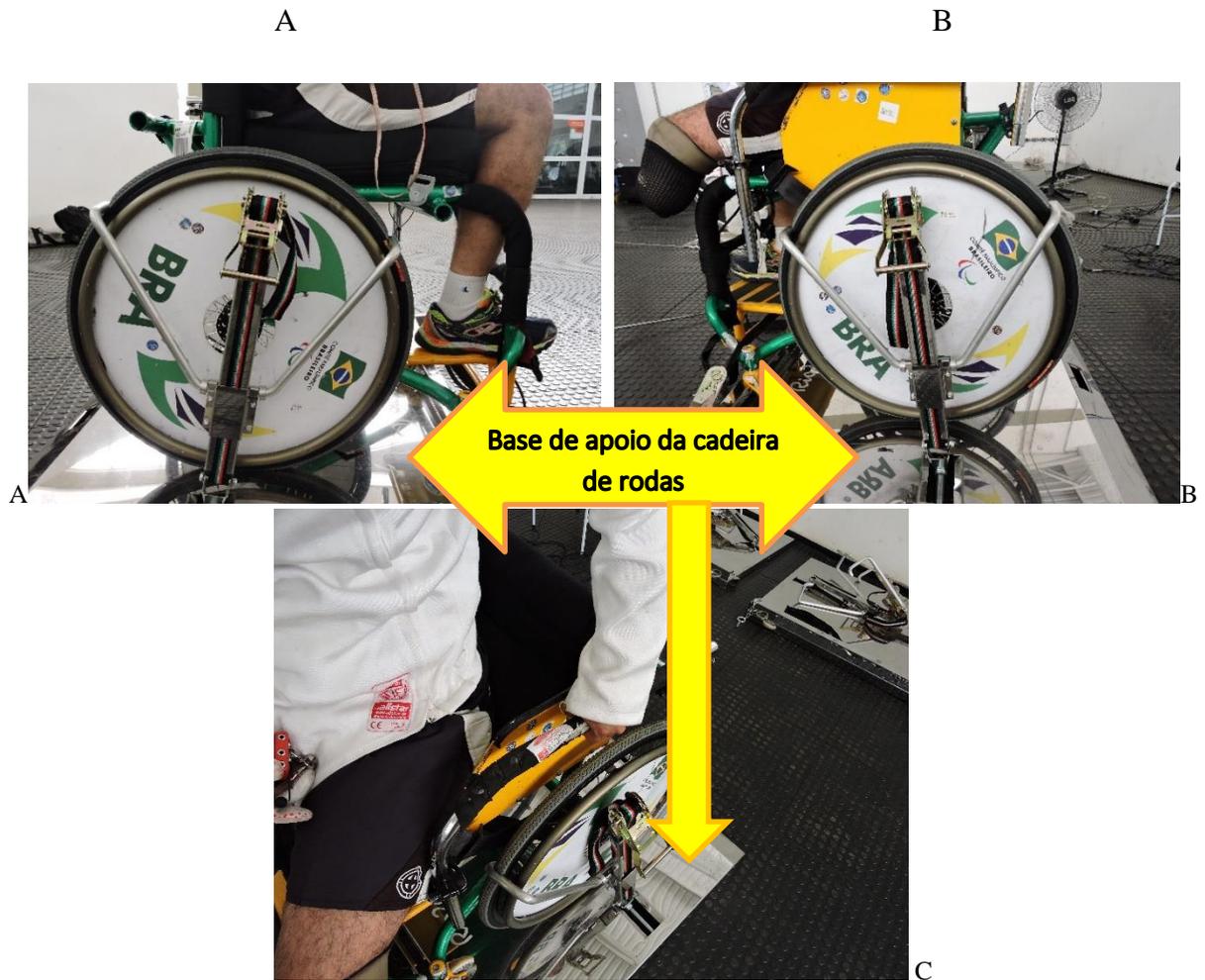


Figura 18 – Base de apoio da cadeira. Vista lateral (A e B) e superior (C).

Embora os atletas não realizem deslocamentos com a cadeira, a dinâmica do jogo exige mobilidade de tronco para efetuar algumas ações ofensivas, contraofensiva e defensivas (a exemplo: afundo⁴⁰, arresto⁴¹ e parada rompendo⁴²).

⁴⁰ Ação ofensiva que consiste em um movimento executado a partir da posição de guarda.

⁴¹ Contra-ataque executado sobre um ataque.

⁴² Ação defensiva que consiste em parar um ataque realizando o deslocamento de tronco para trás simultaneamente.



Figura 19 – Afundo (realizado pelo atirador da esquerda) e parada rompendo (realizado pelo atirador da direita)

No ano de 2004 foi realizada uma clínica para profissionais de ECR. Concomitantemente, os participantes da clínica estavam participando dos IX Jogos Paradesportivos Regionais da Região Centro-Oeste (Goiânia – Goiás) organizados pela ABRADecAR. Neste mesmo ano ocorreu em Pirassununga (São Paulo), mais precisamente nas dependências da Força Aérea, o I Seminário Internacional de Esgrima em Cadeira de Rodas no Brasil. Esse evento contou com a participação de profissionais da EC, atuantes na área de atividade física adaptada e educação física (NAZARETH, DUARTE, 2012).

Em 2004, nasce na cidade de Porto Alegre (Rio Grande do Sul) um novo grupo de praticantes de ECR através da Associação de Servidores da Área de Segurança e Portadores de Deficiência do Estado do Rio Grande do Sul (ASSASEPODE). Logo após, na cidade de Curitiba (Paraná) nasce a Associação dos Deficientes Físicos do Paraná (ADFP). Em seguida, no estado de São Paulo, mais precisamente na capital paulista, surge O Clube dos Paraplégicos de São Paulo (CPSP).

No ano de 2005, foi realizado nas dependências da Escola Naval do Rio de Janeiro o I Campeonato Brasileiro de Esgrima em Cadeira de Rodas e os Jogos Mundiais em Cadeira de Rodas e Amputados da IWAS. Compuseram a equipe de atiradores do Brasil Eduardo Franco de Oliveira, Lauro Brachtvogel, Maurício Stempniak e Daiane Peron (NAZARETH, DUARTE, 2012).

Em 2006, na cidade de São Paulo, mais precisamente no Esporte Clube Pinheiros, ocorreu uma clínica de treinamento de ECR e paralelamente a esta foi promovida uma competição amistosa entre Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul (NAZARETH, DUARTE, 2012). Neste mesmo ano foi fundada na cidade de São Paulo a

Associação Brasileira de Esgrima Paralímpica (ABEP). O objetivo da ABEP era ser reconhecida pela IWAS enquanto instituição responsável pela ECR brasileira. No entanto não foi possível, pois após a ABRADecAR se desvincular da IWAS, o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) se responsabiliza pelos programas gerenciados pela ABRADecAR no final de 2006. Com isto a ECR brasileira passa ser gerenciada pelo CPB (NAZARETH, DUARTE, 2012; GALIRPP, 2016).

No ano de 2008, o Centro de Vida Independente (CVI) promove na cidade de Maringá (Paraná) para mais de cinquenta pessoas uma clínica de ECR. No mesmo ano, porém na cidade de Curitiba (Paraná), realizou-se junto a uma competição nacional o I Estágio de Treinamento e Capacitação de Ensino de ECR para os profissionais e atletas. No mesmo estágio ocorreu um Curso Internacional de Formação de Classificadores Funcionais; quatro brasileiros participaram deste curso (NAZARETH, DUARTE, 2012; GALIRPP, 2016).

Nos anos de 2009 e 2010 são estabelecidas ações evolutivas da ECR no Brasil. Dentre as quais tinham como objetivo não somente a participação em eventos internacionais como também a definição “junto ao CPB de um Projeto Estratégico de Desenvolvimento nacional e metas para a modalidade visando os Jogos Paralímpicos de Londres, em 2012, e do Rio de Janeiro, em 2016” (NAZARETH, DUARTE, 2012, p. 108).

No ano de 2011, na cidade de Campinas (São Paulo) nasce a Associação de Esportes Adaptados de Campinas (ADEACAMP). Dentre as atividades desenvolvidas pela ADEACAMP a ECR é uma destas (GALIRPP, 2016).

Ainda em 2011, foi promovido nas dependências da Faculdade de Educação Física da UNICAMP (Campinas – SP) o Campeonato Regional das Américas de ECR. Junto à competição ocorreu o curso de classificação funcional de ECR (GALIRPP, 2016).

Em 2012, a ECR brasileira consagra-se nos Jogos Paralímpicos de Londres (Inglaterra), conquistando a primeira medalha de ouro com Jovane Guissone na arma espada, categoria B.

No ano de 2017, o CPB promoveu o Intercambio Internacional de ECR nas dependências do Centro de Treinamento Paralímpico Brasileiro. No mesmo ano, foi promovido um curso de arbitragem de ECR com o objetivo de disseminar e capacitar profissionais.

6 – MÉTODO DE ENSINO DE LUTAS, ARTES MARCIAIS E ESPORTES DE COMBATE.

Pensando no processo de aprendizado das lutas, Gomes (2008) apresenta um sistema de interações (figura 20) o qual possibilita que as Lutas sejam um instrumento pedagógico passível de utilização com o objetivo de favorecer a compreensão dos princípios condicionais.

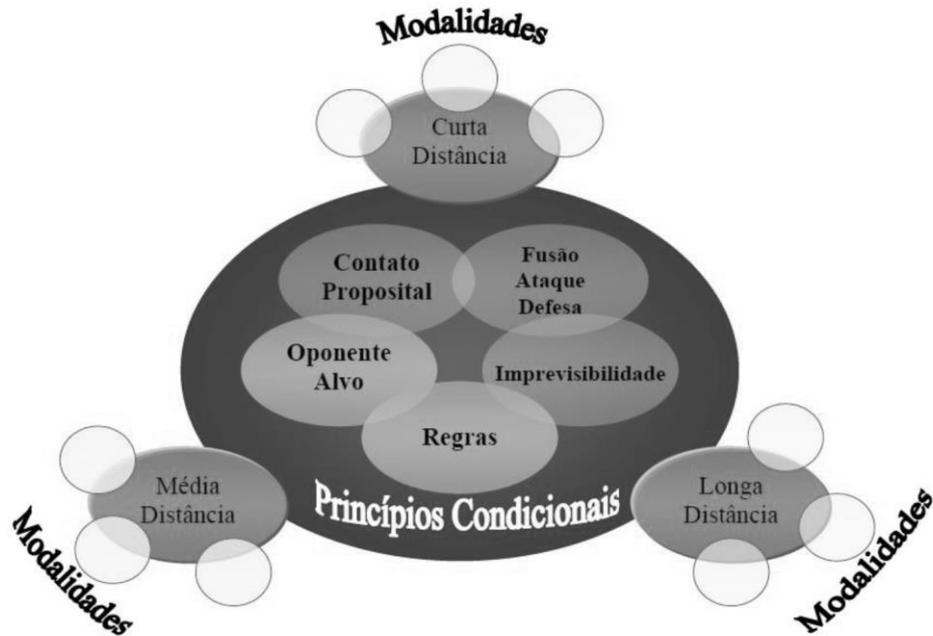


Figura 20 - Sistema de interações das Lutas. Fonte: GOMES, 2008, p. 51.

Gomes et. al. (2010) utilizou o proposto de Bayer (1994), os Jogos Desportivos Coletivos (JDC), com intenção de buscar na análise de dados a existência de denominadores comuns também para o fenômeno Luta. Esses foram chamados de Princípios Condicionais das Lutas, sendo compostos pelos seguintes aspectos: contato proposital, oponente alvo, regras, imprevisibilidade e fusão ataque/defesa. Assim, a partir dos princípios condicionais é possível:

“criar e legitimar inúmeras práticas como parte do conhecimento Luta, tornando-o um universo mais amplo e possível de ser ensinado não somente por meio de suas especificidades, mas principalmente por todas as características que se têm em comum” (GOMES et al., 2008, p. 215).

Portanto, ao pensar na pedagogia do esporte aplicada aos esportes de combate a ECR pode ser considerada como uma luta de contato intermitente ou de longa distância. Isto pelo fato do contato ocorrer por meio de uma arma (florete, espada ou sabre). Visto isto, manipular e tocar são duas habilidades, dentre outras, importantes de serem trabalhadas no início do processo de ensino de esgrima.

6.1 – A Pedagogia da Esgrima em Cadeira de Rodas

“Antes de tudo, o Mestre d’armas é um educador, por excelência” (CZAJOKOWSKI, 2017, s/n°).

No processo de ensino da esgrima o mestre sempre foi figura sagrada. É possível encontrar notas que explicitem tal importância.

“O mestre é indispensável e insubstituível, tanto quanto a própria arma empunhada pelo aluno atirador. (...) Desde o dia em que o aluno atravessa pela primeira vez a soleira de uma sala d’armas, o Mestre poderá se tornar para ele não somente o professor, o preparador, o aperfeiçoador, mas também, muitas vezes, o guia, o sustentáculo moral, o amigo do peito, o conselheiro e, muitas vezes, até o substituto da figura paterna” (CZAJOKOWSKI, 2017, s/n°).

(...)Sem nenhuma dúvida, não poderiam existir vitórias esgrimísticas sem contribuição direta do mestre. Sozinho, pode-se aprender a nadar, a correr, a disparar, mas não pode existir o esgrimista autodidata (EsEFEX, 19-?d, p. 3).

No entanto, há de se pensar: qual o objetivo do professor? Capacitar? Oportunizar o prazer? Fomentar a autoestima? Motivar? Explorar potencialidades? Favorecer a socialização? Promover a autonomia e independência? Reconhecer as limitações? Nenhum isoladamente, mas todos em conjunto. Obviamente é possível encontrar outros objetivos (SANTANA, 2005).

Assim como a cultura, que segundo Antunes e Almeida (2016, p.19) “(..) é um elemento móvel, não estático, e está sempre sendo ressignificada”, a esgrima também passou por diversas ressignificações. Da arte de saber manejar para guerrear, para ferramenta comum da educação física a fim de contribuir com a formação do ser humano em construção. Ou para reabilitar e reinserir a pessoa com deficiência na sociedade. Esta ressignificação é a chave para inserir pessoas, pois atribuir um novo sentido para a esgrima pode possibilitar a prática por pessoas que em tempos antigos, ou por pensamento reduzidos foram julgadas como incapazes e assim excluídas da prática. Sendo lhes negada toda e qualquer possibilidade de prática e potencialidade.

Antunes (2016) apresenta dois subfenômenos nos quais a deficiência se distribui. A deficiência primária e a secundária.

“A deficiência primária engloba os subconceitos de deficiência e incapacidade. Por outro lado, a deficiência secundária está relacionada ao subconceito de desvantagem. (...) A deficiência secundária tem efeitos impeditivos para o pleno desenvolvimento das potencialidades dos indivíduos, pois cria barreiras atitudinais, como preconceitos estereótipos e estigmas” (ANTUNES, 2016, p.81)

O autor ainda sugere que o professor concentre esforços em coibir a existência da deficiência secundária. Para isso, conhecer o aluno, a deficiência e as limitações é um passo importante a ser dado. Não somente para reduzir as chances da deficiência secundária, mas identificar o nível que o aluno apresentará ao ponto de partida.

O aluno pode apresentar quatro níveis de conhecimento, a saber: o atirador iniciante, não confirmado (básico), confirmado (competitivo) e de alto desempenho (avançado) (DECEX, 2017).

Existem diversas estratégias para auxiliar o aluno a progredir quanto aos níveis de conhecimento. A EC possui em sua história uma pedagogia de métodos antigos e modernos de esgrima (EsEFEX, 19-?d). No entanto, o modelo clássico (antigo), assim como apresentou Nazareth (2009), por vezes facilita a evasão do aluno. E ao pensar na PCD na esgrima tendo como método de ensino o convencional⁴³, esta pode ser levada a crer que jamais poderá esgrimir.

Munster e Almeida (2005; GOMES, 2008 apud ALMEIDA; PATATAS; GOMES, 2013, p. 154) apresentam alguns fatores que possam motivar tal crença:

- “Algumas técnicas tradicionais não são executadas por eles;
- Diferença de padrões de movimento;
- Ausência de determinado sentido;
- Outro impedimento relacionado à diferença que possam apresentar”.

Frente a isto, faz-se importante o desenvolvimento de métodos de ensino global da ECR, tendo a EC como base, porém na realidade das limitações e potencialidades da PCD (ANTUNES, IWANAGA, 2013).

A pedagogia da esgrima está estruturada em tipos de lições. Por sua vez o objetivo do praticante definirá qual a metodologia adequada a se utilizar para desenvolver a ECR. A título de exemplo: uma pessoa que visa praticar esgrima no contexto do lazer terá abordagem de ensino distinta de alguém que tem por objetivo o rendimento, que por sua vez será diferente daquele que deseja reabilitação ou a educação pelo esporte. Sendo este último o alvo deste trabalho.

⁴³ Método de ensino utilizado na esgrima convencional (em pé).

A EC sugere a utilização dos tipos de lições (lição coletiva e individual) no processo pedagógico da esgrima. Dentre os tipos de lições, a individual engloba um subgrupo, tal qual reúne lições de estudo, de manutenção ou treinamento e de assalto (EsEFEX, 19? b).

A lição coletiva é um excelente método para ensinar esgrima para iniciantes (NAZARETH, 2009; CAJOKOWISKI, 2017). O objetivo da lição coletiva é de capacitar o aluno a realizar aulas de esgrima, que por sua vez, lhe permite esgrimir em assaltos. Enquanto a lição individual consiste em um trabalho mais particular (CAJOKOWISKI, 2017). No entanto, embora a atenção esteja voltada totalmente ao aluno este “não é o sistema que melhor se adapta ao ensino de alunos iniciantes, quando se tem interesse de ampliar os aspectos lúdicos e a interação de grupos” (NAZARETH, 2009, p. 105).

Assim como apresentou Nazareth (2009), a metodologia clássica de ensino de esgrima para iniciantes tem favorecido a evasão de alunos. Isto por exigir esforços violentos e repetitivos que facilmente fadigam o aluno, e este, por sua vez, não compreende ao certo o que deve fazer por não conseguir se concentrar o suficiente. Enquanto o professor foca o ensino da técnica pela técnica com a intenção de alcançar a tão desejada ação de esgrima perfeita, harmoniosa e real (CZAJOKOWSKI, 2017; NAZARETH, 2009).

CZAJOKOWSKI (2017) revela que a maior dificuldade para um professor é conhecer o próprio aluno. Saber como o aluno é, quais suas características, se é ansioso e responde a qualquer estímulo, ou calmo e calculista, se é ágil, qual seu temperamento, entre outros, é essencial. Estes são atributos que podem revelar ao professor características de um atacante, de um parador, de contra-atacante, contratempista ou outros. DUARTE e LIMA (2003) apontam-nos que para adaptar uma atividade para um aluno é importante conhecer o educando identificando quais deficiências possui. Ou seja, conhecê-lo em sua singularidade e descobrir se a deficiência que o mesmo possui foi adquirida ou congênita, qual idade do acometimento, se o problema é progressivo ou não, de forma prudente descobrir se a família motiva o aluno a prática de atividade física e se o meio está adaptado para este.

Os métodos de ensino de esgrima proporcionam, entre várias maneiras, o estabelecimento de uma progressão pedagógica. Este é o método Brassard. Este método compreende em um programa de ensino de esgrima, elaborado pela Federação Francesa de Esgrima, pautado em uma progressão pedagógica. Os níveis de complexidade são divididos por brasões coloridos. Em cada brasão está determinado o conteúdo que o aluno deve

aprender/dominar. O objetivo desta sistematização consiste em decompor o conteúdo e a prática da esgrima em níveis.

Quando um novo aluno chega a uma sala d'armas uma das primeiras identificações que o mestre faz é a identificação do nível do aluno. Considerando experiências vividas e o conhecimento adquirido pelo aluno. Então, definir que deve ser corrigido, o que pode ser mais explorado, qual tática precisa ser mais bem compreendida. Ou seja, definir o conteúdo que será o ponto de partida. E quando contemplar as habilidades e compreensões exigidas no nível Brassard que se encontra o aluno passará por uma avaliação do mestre. Em caso de aprovação segue para o nível seguinte.

7 – MATERIAIS E MÉTODO

7.1 – Caracterização de pesquisa.

Esta pesquisa é caracterizada como um survey. De acordo com Thomas, Nelson e Silverman (2012, p. 293) esta “técnica de pesquisa descritiva que procura determinar práticas ou opiniões presentes em uma população específica”.

7.2 – Características da População e da Amostra.

A população deste estudo foi composta por 10 profissionais de esgrima de diferentes níveis (técnico, professor e mestre) convidados a participar do Intercâmbio Internacional de Esgrima em Cadeira de Rodas promovido pelo Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB). A amostra foi composta por 6 profissionais de esgrima.

7.3 – Critério de Inclusão e Exclusão da Pesquisa.

Aceitar a participação no estudo por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE 1). Com isto foi excluída uma amostra que não se enquadrava nos critérios de inclusão.

7.4 – Instrumentos para Coleta de Dados

Foi utilizado como instrumento de pesquisa um questionário relacionado à pedagogia da esgrima.

O questionário (APÊNDICE II) foi composto por doze (12) questões abertas e tinham o objetivo de verificar nível de instrução e idade do profissional, tempo de prática de esgrima e de formador de atirador⁴⁴, as armas que lecionava, o número de alunos com e sem deficiência e qual deficiência apresentavam, o motivo que levou a lecionar esgrima para PCD, o método que utiliza para ensinar esgrima, como este aprendeu esgrima, quais dificuldades enfrenta para ensinar esgrima para PCD e quanto tempo utiliza para lecionar. Convém ressaltar que previamente a aplicação do estudo houve o estudo piloto dos instrumentos de coleta dos dados, para adaptação, teste e readequação dos questionamentos de acordo com a necessidade antes da aplicação.

O questionário auxiliou o pesquisador na investigação de quais intervenções pedagógicas poderiam complementar o processo de ensino-vivência-aprendizagem.

⁴⁴ Praticante de esgrima.

7.5 – Procedimentos para coleta de dados

7.5.1 – Local da coleta

Foram utilizadas as dependências do Centro de Treinamento Paralímpico Brasileiro – CTPB – São Paulo, localizado na Rodovia dos Imigrantes, s/n, Vila Guarani, São Paulo.

A coleta ocorreu durante o Intercâmbio Internacional de Esgrima Paralímpica. Evento promovido pelo Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) do dia 24 de setembro ao dia 01 de outubro de 2017, onde a população e amostra da pesquisa estiveram reunidas.

Os participantes da pesquisa previamente foram informados sobre a pesquisa que seria realizada e que esta seria de carácter voluntário. Pessoalmente, foram esclarecidas as dúvidas e apresentados os objetivos da pesquisa. Além de serem comunicados que todas as informações fornecidas na pesquisa teriam somente finalidade científica e que o sigilo dos participantes seria mantido.

Os profissionais de esgrima receberam primeiramente o TCLE, e, ao aceitarem participar da pesquisa, assinando o termo, receberam o questionário com 12 questões (Apêndice II).

Os questionários foram respondidos individualmente para que não houvesse influência na resposta.

7.6 – Análise dos dados

Para análise dos dados métodos qualitativos e quantitativos foram utilizados. Previamente os dados foram categorizados e organizados em planilhas dos programas EXCEL e WORD 2007.

7.7 – Considerações éticas

Este estudo possui a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual de Campinas sob o número do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) 57736816.0.0000.5404.

8 – RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados encontrados nesse estudo são inéditos em nosso meio e assim entendemos que a discussão dos mesmos deve estar no contexto dos resultados. Com exceção de itens específicos sobre pedagogia da esgrima que não encontramos pesquisas sobre o tema, não foi possível encontrar pesquisa semelhante a esta, o que resultou na impossibilidade de realizar discussão com outros autores.

O resultado do questionário será apresentado na sequência das questões.

8.1 – Sobre a titulação da amostra seis eram técnicos de esgrima, um professor e três mestres d’armas. Contudo, vale informar que não foi solicitado diploma ou documento que comprovasse a titulação dos mesmos.

O mestre d’armas é uma figura importante no processo de aprendizagem. É o agente facilitador. Czajkowski (2017, p.1) afirmava que

“ser um mestre de esgrima, não é apenas servir como plastron. Sobretudo, significa ser um educador, quão bem planejar, organizar, orientar, ensinar e supervisionar um grupo de esgrimistas e duplas em ação, além de praticar a esgrima com destreza.”

A figura do mestre no processo de aprendizado está ligado diretamente ao desenvolvimento do aluno. Se faz presença viva, calma e motivadora nas competições de seu aluno. Está mais próximo do aluno quando na derrota, comparado à vitória, confortando-o em poucas palavras (CZAJKOWSKI, 2017). No entanto, é possível verificar pelos dados da pesquisa a carência de mestres envolvidos com a ECR no Brasil. Carência que busca ser suprida com a dedicada atuação de técnicos e professores de esgrima. Cursos, seminários, intercâmbios, dentre outros, são ações promovidas pelo CPB que corroboram em sanar a carência de mestres d’armas comprometidos com o crescimento e fortalecimento da ECR brasileira.

8.2 – Quanto à formação acadêmica da amostra, cinco são professores e um doutor em Educação Física, um Engenheiro Mecânico, dois são formados em Administração e um destes é aluno de graduação do curso de Educação Física.

Todos os profissionais que compuseram a amostra possuíam formação acadêmica, sendo a maioria da área de Educação Física. Vale complementar que um profissional formado em Administração revelou em pesquisa que está em processo de graduação em Educação Física, o que mostra o interesse dos profissionais de se informar a respeito dos conteúdos tratados na área. Esta atitude é importante, pois a Educação Física pode contribuir com os profissionais de ECR através da pedagogia do esporte aplicada às lutas, estudos desenvolvidos na área de esporte adaptado, psicologia do esporte, metodologia do treinamento desportivo, dentre outros.

Na realidade a Educação Física se faz cada vez mais presente no meio das Lutas, Artes Marciais e Esportes de Combate (LAMEC). O que auxilia a realizar as ações que Czajkowski (2017) julgou importante para um mestre de esgrima. Ou seja, planejar, organizar, orientar ensinar e supervisionar alunos que praticam um esporte de combate. No entanto, é possível mais que isto. Compreender que

“as lutas, artes marciais e modalidades esportivas de combate (L/AM/MEC) representam um universo amplo, plural e diversificado de manifestações antropológicas complexas datadas em tempos imemoriais da aventura humana. Sua pluralidade pode ser percebida no vasto espectro de sistemas, modalidades e estilos de combate nas mais diferentes sociedades e civilizações” (CORREIA, 2016, p.43).

Para que o aluno melhore, o profissional responsável pelas lições também deve melhorar. O caderno de instrução da EsEFEx sustenta este pensamento ao afirmar que

“um mestre d’armas que deseja organizar e conduzir com eficácia um plano de treinamento e fazer progredir seus alunos em todos os campos, deve, ele mesmo, trabalhar duro e constantemente. Ele deve procurar aumentar seus conhecimentos gerais, seus conhecimentos de esgrima, bem como, sua habilidade de dar lições e dirigir exercícios (19-?d, p.15).

Estes exercícios mencionados compreendem tanto os específicos de esgrima como os exercícios de *souplesse*⁴⁵, conhecida na Educação Física como flexibilidade/ mobilidade articular/ ou elasticidade. É importante que o profissional de esgrima conheça exercícios de *souplesse*, pois estes irão contribuir para o aprimoramento das qualidades de coordenação, velocidade, agilidade, do equilíbrio, precisão nos movimentos da esgrima na posição de guarda, dentre outros (CRAMER, 2017).

“A boa “*souplesse*” é o alicerce para a aprendizagem e aperfeiçoamento da melhor técnica e aplicação de outros meios de preparação física, que possibilitam o aprimoramento da tática de combate e a chegada ao pódio das competições (CRAMER, 2017, p.1)

8.3 – Acerca do tempo de prática de esgrima, um profissional possui 6 anos de prática; dois profissionais possuem 8 anos de prática; um profissional com 12 anos de prática; duas pessoas possuem 15 anos de prática; uma com 20 anos de prática; uma possui 22 anos de prática; uma com 26 anos de prática e um com 34 anos de prática de esgrima (ver figura 21).

⁴⁵ Exercícios de flexibilidade e mobilidade articular.



Figura 21 – Tempo de prática de esgrima. Fonte: Dados do pesquisador.

O tempo de experiência prática de esgrima pode proporcionar ao profissional de ECR inúmeras habilidades. Sendo estas físicas (velocidade, coordenação de movimentos, resistência, entre outros) e/ou psíquicas (julgamento, senso de oportunidade e outros) (DECEX, 2017). A compreensão da ampla terminologia que abarca a esgrima e a reprodução da realidade de um combate são fatores que também podem ser mais bem compreendidos com tempo de prática e estudo.

Acerca da prática de esgrima Czajkowski (2017) sugere que o mestre d'armas seja ao mesmo tempo adversário e professor e “para ser adversário, suficientemente forte, o mestre d'armas deve conservar e aprimorar sua forma, velocidade e a precisão de seus movimentos, ele deve praticar por si mesmo, tomar parte em assaltos e mesmo em certas competições” (p.8).

8.4 – Sobre o tempo que leciona esgrima, uma pessoa leciona esgrima a 6 meses, duas a 1 ano, uma a 5 anos, uma a 8 anos, uma a 9 anos, duas a 19 anos, uma a 26 anos e uma a 28 anos. (Ver figura 22).



Figura 22– Tempo que leciona esgrima. Fonte: Dados do pesquisador.

Na figura 22 é possível constatar a ampla variação de tempo de experiência com o ensino de ECR. O tempo de experiência em lecionar esgrima é um fator que pode influenciar no ensino, pois em lições individuais os sinais realizados pelo professor com a arma ou corpo determina o que o aluno deve fazer. Além de ampliar o conhecimento teórico e prático sobre os tipos de lição. Não há na literatura pesquisas que favoreçam a discussão desses dados.

8.5 – Acerca das armas um profissional leciona espada; um leciona espada e sabre; três lecionam espada e florete e cinco lecionam florete, espada e sabre (ver figura 23).

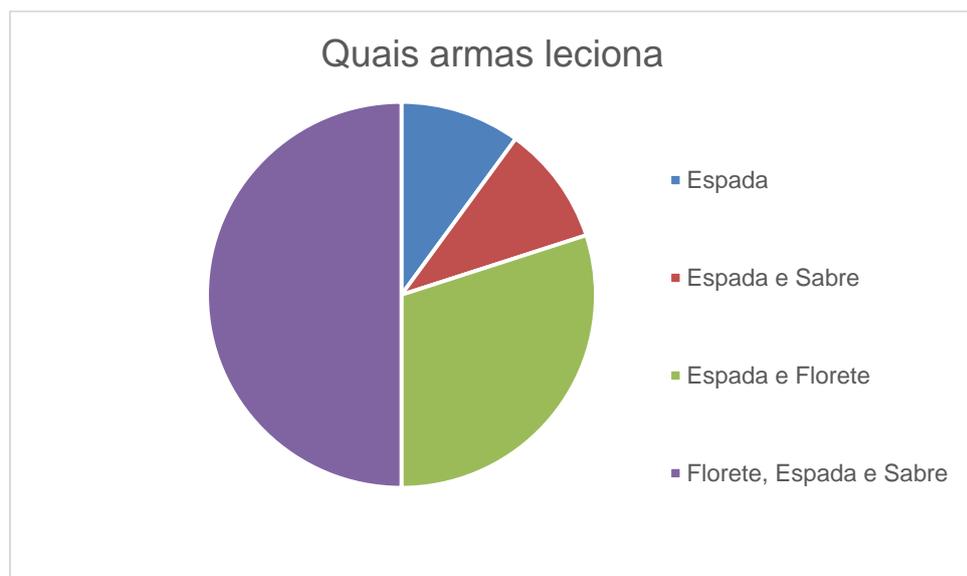


Figura 23 – Quais armas de esgrima leciona. Fonte: Dados do pesquisador.

Pode-se verificar na figura 23 que a maioria dos profissionais de ECR leciona as três armas.

Não há na literatura estudos que possibilitem a discussão desses dados. No entanto, o aprender manejar as armas, está independente. Ou seja, embora o florete ainda seja considerado como uma arma de estudo, não há razões suficientes para não lecionar a espada ou sabre para um aluno que chega a uma sala d'armas pela primeira vez. Cabe ao profissional identificar qual tipo de atirador o aluno mais se aproxima (atacante, parador, contratempista, ou outros).

8.6 – A respeito do número de alunos, o profissional A leciona para três alunos onde duas são PCD's; o profissional B leciona esgrima para seis alunos (todos possuem) deficiência; o profissional C possui trinta alunos e destes treze possuem deficiência; o profissional D possui seis alunos e destes um possui deficiência; os profissionais E e F possuem cento e setenta alunos e, destes, vinte e dois possuem deficiência; o profissional G possui um aluno com deficiência; o profissional H possui três alunos sem deficiência; o profissional I possui oito alunos com deficiência; e o profissional J possui quarenta alunos sem deficiência (ver figura 24).

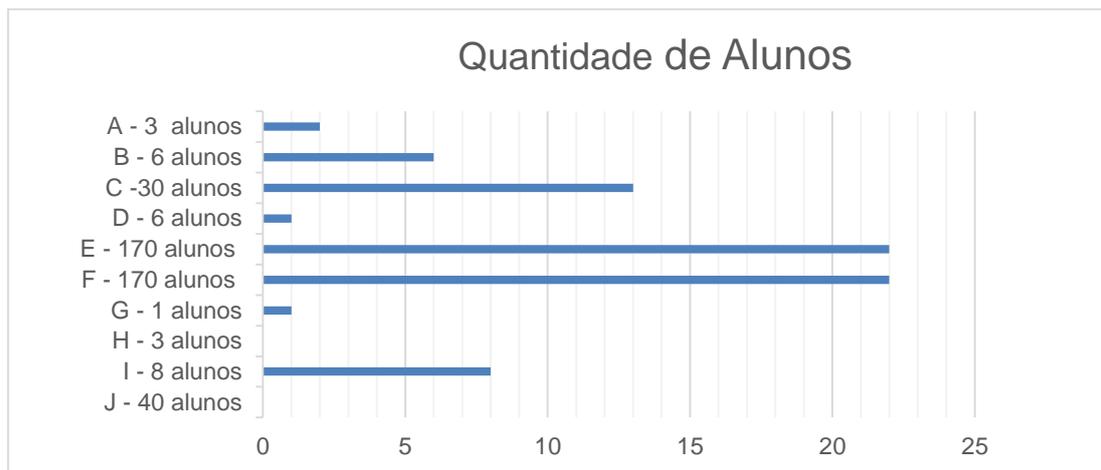


Figura 24 – Quantidade de alunos. Fonte: Dados do pesquisador.

Na figura 24 pode-se verificar que alguns professores lecionam somente para alunos sem deficiência. No entanto, não é possível constatar se tal decisão ocorreu por parte do professor ou pela baixa procura por pessoas sem deficiência. Não há na literatura pesquisas que favoreçam a discussão dos dados.

8.7 – Todos os profissionais possuem alunos com deficiência física motora.

Nesta questão os professores não responderam ao certo qual deficiência o aluno possuía. Porém, souberam responder qual a classificação funcional do aluno.

Algo que não pode deixar de ser esclarecido é que o professor não precisa saber explicar profundamente a deficiência do aluno. O que este deve ter em mente é que a

metodologia de ensino utilizada para se ensinar uma pessoa com lesão medular classificada funcionalmente na categoria C pode não ser, na maioria das vezes, a mesma utilizada com outra pessoa. Como por exemplo, com uma pessoa que possui paralisia cerebral também classificada como categoria C. Os tipos de lições irão proporcionar ao professor meios de otimizar ao máximo a compreensão do aluno.

8.8 – No que diz respeito à motivação para trabalhar com ECR, um profissional respondeu que sempre desejou trabalhar com ECR e por meio de um curso realizado na Argentina este pode aproximar-se da modalidade. Três pessoas se sentiram motivadas através da força de vontade de atletas; um por treinar um atleta de destaque; uma pelo fato da prática melhorar a qualidade de vida da PCD; uma pelo estágio que realizou no esporte paralímpico (mais precisamente a ECR); uma com interesse em democratizar o esporte; uma pelo gosto pela modalidade; e um profissional teve sua motivação fomentada pelos compromissos que estabeleceu, os quais se resumiam em tornar a esgrima um esporte acessível a qualquer pessoa, independente de qualquer pessoa (com deficiência ou sem) contribuir e ajudar as pessoas (ver figura 25).



Figura 25 – Motivação para trabalhar com esgrima em cadeira de rodas. Fonte: Dados do pesquisador.

Existem diversas definições de motivações. Seria possível listar inúmeras destas. Embora não seja o cerne do trabalho, tomaremos por definição de motivação a teoria apresentada por Roberts (2001) que define ser “um processo cognitivo social no qual o sujeito torna-se motivado ou desmotivado através da avaliação de suas competências no contexto da realização e no significado deste contexto para o sujeito” (p.6).

Faz-se também necessário recorrer à teoria da autodeterminação. Esta é uma teoria humanística de motivação humana. Sua proposição principal consiste em que cada um de nós possui tendências inatas relacionadas ao nosso crescimento pessoal que são satisfeitas ou decepcionadas pelo ambiente (DECI, RYAN, 1985). Ao observar o resultado da pesquisa, pode-se constatar que a motivação dos profissionais para trabalhar com ECR variou desde aspectos da motivação controlada (motivação extrínseca) e a motivação autônoma (intrínseca) (DECI, RYAN, 1985). No entanto, a motivação que os profissionais mais apresentaram foi a motivação controlada. Ou seja, a motivação é extrínseca. Houve também motivação intrínseca na pesquisa por parte de alguns profissionais.

8.9 – Em relação ao método de ensino que utiliza, duas pessoas utilizam o método de ensino por Brassard e oito não utilizam este método específico. Destas oito pessoas, cinco utilizam o método de progressão pedagógica, uma utiliza o método de treinamento como metodologia de ensino; uma utiliza o método cubano de ensino; e um utiliza o método tradicional e clássico de ensino de esgrima (ver figura 26).



Figura 26 – Qual método de ensino utiliza. Fonte: Dados do pesquisador.

Sobre o método de ensino dos profissionais de esgrima pode-se constatar que poucos utilizam o método Brassard. Método qual foi idealizado pelos franceses. Este método, como explicado anteriormente, irá categorizar o nível do aluno e irá propor o conteúdo a ser trabalhado com o mesmo. Ação efetiva do ponto de vista pedagógico. No entanto há outras estratégias de ensino. A progressão pedagógica, presente também indiretamente no método Brassard, não faz divisões de nível de compreensão. No entanto, é um trabalho contínuo que visa partir das ações mais simples para as mais complexas. O método de treinamento utilizado por outro profissional de esgrima baseia-se na teoria e metodologia do treinamento desportivo sugerido por Bompa (2002). O método cubano de ensino deriva da escola de esgrima Russa.

Este método divide ações de ataque, defesa, mista, simuladas, combates simulados e livres. O profissional entrevistado que faz uso desta metodologia crê ser o método de aprendizado rápido e eficiente. Já no método tradicional e clássico, segundo Nazareth (2009), sempre predominou a ação técnica sem espaço para a ludicidade.

8.10 – Com relação a maior dificuldade em lecionar esgrima para PCD, duas pessoas responderam que conhecer a deficiência e suas limitações dificulta ensinar esgrima para a PCD; três responderam que a maior dificuldade é adaptar o treino de esgrima para a PCD; uma pessoa considera a assiduidade da PCD ao treino o maior empecilho; duas consideram que a estrutura física é a maior dificuldade; uma respondeu que a falta de incentivo financeiro é a maior dificuldade; e uma respondeu que devido ao tempo de experiência com o público alvo da modalidade não possui dificuldade em lecionar esgrima para PCD (Figura 27).

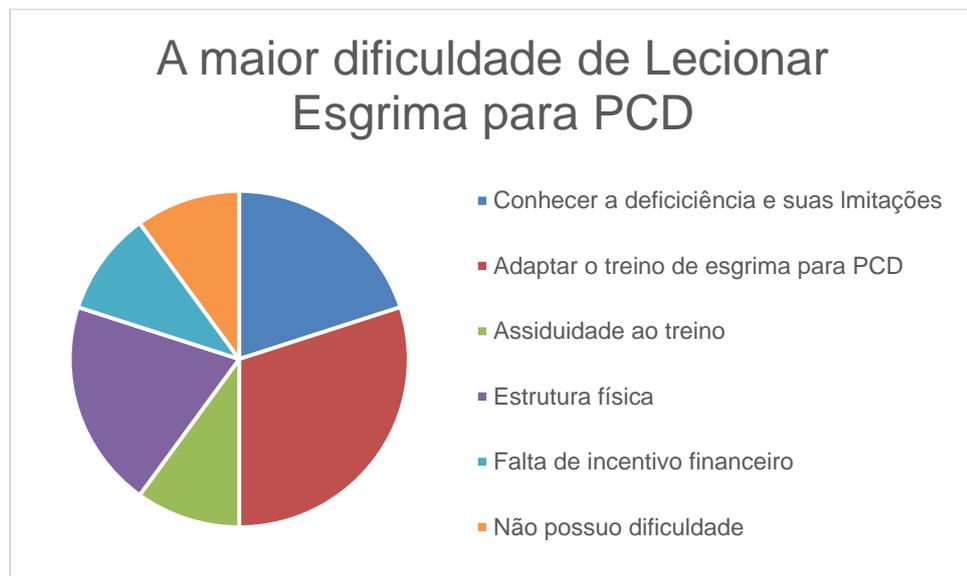


Figura 27 – A maior dificuldade de lecionar esgrima para PCD. Fonte: Dados do pesquisador.

A adaptação do treino de esgrima, a compreensão sobre a deficiência e suas limitações e a estrutura física foram as três respostas mais apresentadas pelos profissionais quanto a maior dificuldade de se lecionar esgrima para PCD. Para realizar a discussão deste item tomemos nota sobre o significado de inclusão da PCD no esporte proposto por Pedrinelli e Nabeiro (2012)

“A inclusão da pessoa com deficiência no esporte significa oferecer a oportunidade e incentivar a adesão de qualquer pessoa com deficiência à prática esportiva. A oferta ou propriamente a diversificação na oferta de programas esportivos constitui um verdadeiro desafio, uma vez que em muitas comunidades ou municípios a existência de programas esportivos estruturados é muitas vezes escasso (p.21)”

O oferecimento de ECR não somente proporciona mais uma prática esportiva, como também motiva pela nova identificação. Ou seja, ela deixa de ser “aquele” que tem isso ou

aquilo para ser o floretista, espadista e/ ou sabrista. Esgrimista enfim. No entanto há de se lembrar dos dois subfenômenos apresentados anteriormente por Antunes (2016) e trabalhar para que a deficiência secundária seja evitada e assim a PCD possa de fato obter oportunidade de esgrimir em suas possibilidades.

8.11 – No que concerne ao método que aprendeu esgrima, dois aprenderam pelo modo Brassard; dois aprenderam pelo método clássico/ tradicional; três aprenderam pelo método de progressão pedagógica; um aprendeu pelo método da escola cubana; um aprendeu por meio de ensino formal (curso de graduação oferecido na universidade); e um aprendeu esgrima pelo método do treinamento (ver figura 28).

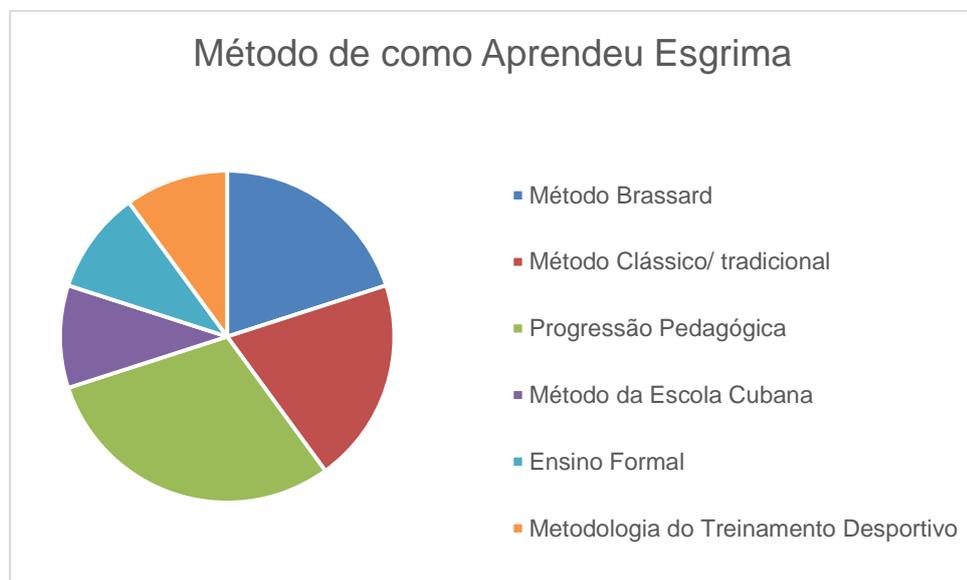


Figura 28 – Método de como aprendeu esgrima. Fonte: Dados do pesquisador.

Por muitas vezes, não via de regra, o mesmo método utilizado para ensinar esgrima é o método pelo qual o profissional de ECR aprendeu. A título de exemplo, os dois professores que aprenderam pelo método Brassard ensinam pelo mesmo método, o profissional que aprendeu pelo método da escola cubana ensina também da mesma forma que aprendeu, assim ocorre com o profissional que aprendeu com método clássico/ tradicional.

Ao se pensar na metodologia de ensino de ECR é possível verificar que há carência quanto a um método específico para a modalidade. O desenvolvimento da ECR tem ocorrido por meio da adaptação de diversos métodos utilizados na EC. No entanto, embora o esporte seja para todos, nem todos possuem as mesmas possibilidades de prática. E há de se ressaltar que, assim como lembrou Almeida, Patatas e Gomes (2013), técnicas clássicas que não podem ser executadas por PCD, a falta de sentido no exercício, a determinação do padrão de movimento,

ou outro fator que impeça a prática, podem levar a PCD a presumir que ela não é capaz de esgrimir.

8.12 – No que se refere ao tempo médio de aula de esgrima para PCD, a aula de três pessoas duram em média 60 minutos; outras três de 60 à 90 minutos; três responderam que suas aulas apresentam duração acima de cento e 180 minutos; e para um profissional a pergunta não se aplica (ver figura 29).

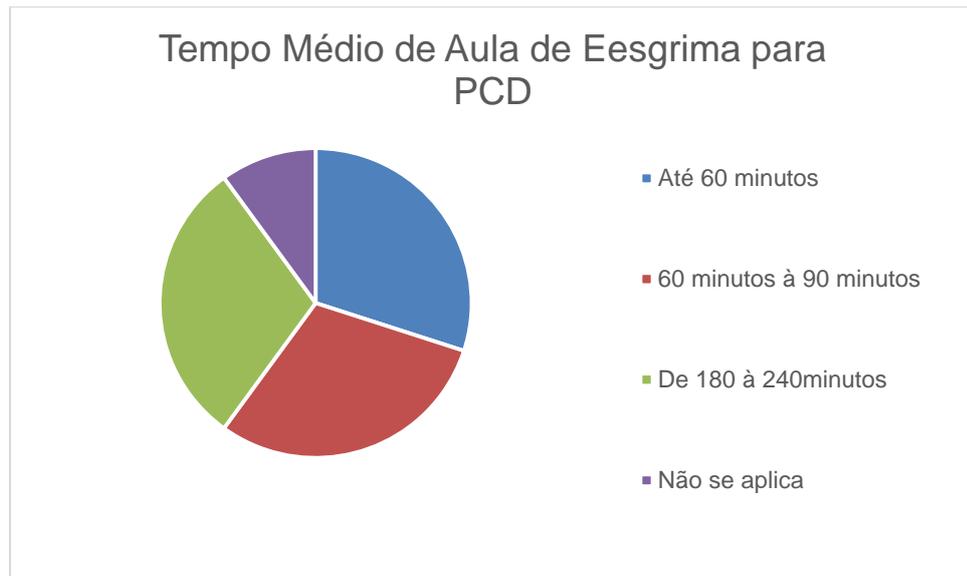


Figura 29 – Tempo médio de aula de esgrima para PCD. Fonte: Dados do pesquisador.

O tempo de aula de ECR não segue um padrão. No entanto há de se investigar os objetivos apresentados pelos alunos. Pois como apresenta Costa e Winckler (2012) o esporte apresenta-se de diversas formas de manifestação e pode ser visto como reabilitação, educação, rendimento ou lazer.

9 – CONCLUSÃO

Portanto, o ensino de ECR no Brasil não possui um método específico utilizado. Métodos comuns de aprendizado na EC, como consideração do nível do aluno, a escolha do tipo de lição (aula) e objetivo, são adaptados e utilizados no processo de ensino.

De acordo com as repostas dos profissionais quanto aos métodos utilizados, pode-se supor que a forma pela qual estes ensinam baseia-se em três fases: Introdução; Desenvolvimento; e Encerramento. Segue a seguinte base: estabelecimento na distância inicial e suas variações (na distância do braço alongado, no meio afundo e no afundo); estímulos em diferentes posições de esgrima; exercícios que solicitem engajamentos⁴⁶, mudanças de engajamentos⁴⁷, duplo engajamento⁴⁸ e ausência de ferro⁴⁹; realizar os movimentos de tronco (quando possível), a frente (marchar) e para trás (romper); execução de ações ofensivas, defensivas e contraofensivas; e outras ações que seguem a progressão dos exercícios. Além da utilização de quadros sinóticos⁵⁰.

A dificuldade em adaptar tais teorias para a PCD é real, pois não há na literatura base para auxiliar/ desmistificar o ensino de ECR.

É importante salientar que o presente estudo apresenta limitações no que se refere discussão dos resultados. Pois como não há pesquisas semelhantes a esta, a discussão dos resultados fica prejudicada.

Tendo em vista que a educação física e a esgrima têm muito a contribuir uma com a outra, o estabelecimento de uma ponte entre estas proporcionará diversos benefícios para ambos os lados. Os professores de educação física teriam mais uma modalidade a ser trabalhada no conteúdo lutas na escola e a esgrima ganharia com contribuições no campo da pedagogia do

⁴⁶ Situação de duas lâminas em contato.

⁴⁷ Mudar a posição da arma e ao final da mudança haver contato das duas lâminas.

⁴⁸ Duas mudanças de engajamento sucessivas.

⁴⁹ Situação em que as armas não estão em contato.

⁵⁰ Movimentos pré-estabelecidos que resultam em ações ofensivas e defensivas sucessivas buscando reproduzir a realidade de um combate.

esporte aplicada à esgrima. Contribuições estas que irão contribuir e muito com a EC e a ECR brasileira.

Por fim, estabelecer uma terminologia própria para a ECR seria o primeiro passo para se organizar a base de ensino de ECR no Brasil. A utilização do método Brassard pode ser uma estratégia de ensino a ser utilizada na ECR. No entanto, sugiro investigar os professores e alunos com deficiência que vivenciaram método para análise do processo de ensino aprendizagem.

10 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS;

ANDRADE, A. F. **Tratado de Esgrima: florete, espada, sabre.** São Paulo, SP: Força Pública do Estado, 1950. 180 p., il.

ANDRADA, C. C. **Bases da Esgrima Moderna de Florete, Espada e Sabre.** Lisboa: 1946.

ALMEIDA, J. J. G., PATATAS, J. M., GOMES, M. S. P.; **As Lutas para as Pessoas com Deficiência.** In: ANTUNES, M. M., IWANAGA, C. C.; **Aspectos Multidisciplinares das Artes Marciais.** Jundiaí: Editora Paco, 2013. p. 151-163

ANTUNES, M. M., ALMEIDA, J. J. G. **Artes Marciais, Lutas e Esportes de Combate na Perspectiva da Educação Física: reflexões e possibilidades.** - 1 ed. – Curitiba, PR: CRV, 2016. 164p. ISBN 978-85-444-0786-8.

CORREIA, W. R., **Artes Marciais, Lutas e Esportes de Combate na Perspectiva da Educação Física: reflexões e possibilidades.** In: ANTUNES, M. M., ALMEIDA, J. J. G. - 1 ed. – Curitiba, PR: CRV, 2016. 164p. ISBN 978-85-444-0786-8.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO - CPB. **Modalidades.** Disponível em: <<http://www.cpb.org.br/modalidades>>. Acesso em: 16 out. 2017.

CRAMER, A. T.; **Esgrima.** Revista Brasileira de Educação Física, Ano 5, n.13, p.56-69, jan./fev. de 1973.

_____ ; **PEDAGOGIA DA ESGRIMA.** 2017. Apostila desenvolvida para o Curso de Mestre D'armas da Escola de Educação Física do Exército – EsEFEX.

CZAJOKOWSKI, Z.; **Algumas Observações Sobre a Escolha e o Ensino dos Exercícios para as Lições de Esgrima.** CRAMER, A. T.; **PEDAGOGIA DA ESGRIMA – Nota de aula nº3.** 2017. Apostila desenvolvida para o Curso de Mestre D'armas da Escola de Educação Física do Exército – EsEFEX.

CRAMER RIBEIRO, J. C.; CAMPOS, F. K. D.; **História da Esgrima, da Criação à Atualidade.** Revista de Educação Física - Nº137. 137: P.65-69 - Junho de 2007

DEPARTAMENTO DE CULTURA DO EXÉRCITO - DECEX. **Caderno de Instrução de Esgrima** Volume 2 Espada, EB60-CI-25,402, Brasil, 2017.

DECI, E. L., RYAN, R. M. **Intrinsic motivation and Self-determination in human behaviour.** Nova Iorque: Plenum, 1985.

ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO EXÉRCITO - EsEFEX. **Esgrima - Florete.** Rio de Janeiro, [19-?a]. v. 2.

_____ - EsEFEX. **Esgrima - Espada.** Rio de Janeiro, [19-?b] . v. 3.

_____ - EsEFEX. **Esgrima - Sabre.** Rio de Janeiro, [19-?c]. v. 4.

_____ - EsEFEX. **Esgrima - Esgrima.** Rio de Janeiro, [19-?d]. v. 2.

FIE - INTERNATIONAL FENCING FEDERATION. **Rules for competitions. Book 2. Organization Rules.** Dec., 2015.

_____. **General Rules and Rules Common to the There Weapons.** Jan., 2016

FONTOURA DOS ANJOS, Ana Maria. **A inserção da Esgrima no Currículo da Escola Nacional de Educação Física e Desportos (1939-1974) – Uma Perspectiva Histórica.** Dissertação de Mestrado. Ciência da Motricidade Humana. Universidade Castelo Branco. 2004.

GARLIPP, C. Z. D.; GORLA, J. I. **Percepção de dor e esforço em atletas de esgrima em cadeira de rodas.** Arq. Cienc. Saúde UNIPAR, Umuarama, v. 19, n. 2, p, 83-88, maio/ago. 2015.

GARGANTA, J.; CUNHA E SILVA, P. **O Logo de Futebol: Entre o Caos e a Regra.** Revista Horizonte, 91, p. 5-8, 2000.

IWAS – INTERNATIONAL WHEELCHAIR & AMPUTEE SPORTS FEDERATION. **Regras para Competição. Livro 1 – Regras técnicas.** Jan., 2011.

MACHADO, G. V., GALATTI, L. R., PAES, R. R., Pensar a Prática, Goiânia, v. 17, n. 2, p. 414-430, jan./mar. 2014

_____. **Pedagogia do Esporte e o Referencial Histórico-Cultural: interlocução entre teoria e prática.** Motrivivência, N°39, p.164-176, Dez/ 2012.

MIRANDA, J. T.; **Comitê Paralímpico Brasileiro: 15 anos história.** M672c - Campinas, SP: [s.n.], Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física 2011.

NAZARETH, V. L. **Proposta de ensino básico da esgrima para adolescentes surdos.** N236p. - Campinas, SP: [s.n.], Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física 2001.

_____. **Esgrima em cadeira de rodas: pedagogia de ensino a partir das dimensões e contexto da modalidade.** N236e - Campinas, SP: [s.n.], Tese (doutorado). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. 2009.

NAZARETH, V. L., DUARTE, E. **Esgrima em Cadeira de Rodas.** In: MELLO, M. T., WINCKLER, C. **Esporte Paralímpico.** São Paulo: Editora Atheneu, 2012. p. 105-114.

PAES, R. R. **Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas.** Coautoria de Hermes Ferreira Balbino. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2005.

PARSONS, A. WINCKLER, C. **Esporte e a Pessoa com Deficiência – contexto histórico.** In: MELLO, M. T., WINCKLER, C. **Esporte Paralímpico.** São Paulo: Editora Atheneu, 2012. p. 3-14.

PEDRINELLI, V. J., NABEIRO, M. A **Prática do Esporte pela Pessoa com Deficiência na Perspectiva da Inclusão**. In: MELLO, M. T., WINCKLER, C. **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012. p. 3-14.

ROBERTS, G. C. *Advances in motivation in sport and exercise*. Champaign: Human Kinetics, 2001.

SAMULSKI, D. *Psicologia do esporte: conceitos e novas perspectivas*. Barueri: Manole, 2009.

SANTANA, W. C.; **Pedagogia do Esporte na Infância e Complexidade**; PAES, Roberto Rodrigues. **Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas**. Coautoria de Hermes Ferreira Balbino. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2005. p. 01 -23.

VALARINHO, J. **Espadas e Floretes**. Lisboa, 1993.

WINCKLER C., MELLO, M. T., **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012.

WINCKLER, C., COSTA, A. M. **A Educação Física e o Esporte Paralímpico**. In: MELLO, M. T., WINCKLER, C. **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012. p. 3-14.

VELLOSO, P. J. Q. L. **Relação entre o local de pista e ações realizadas com o resultado de matches de eliminatórias diretas em competições internacionais de espada masculina**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física). Escola de Educação Física do Exército. Rio de Janeiro – RJ, 2015.

11 – APÊNDICES

APÊNDICE I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Título da Pesquisa: O Desenvolvimento do Esporte Paralímpico no Brasil

Pesquisador responsável: Prof. Maicon Servílio Pereira

Você está sendo convidado a participar como voluntário do estudo “O Desenvolvimento do Esporte Paralímpico no Brasil”. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa assegurar seus direitos como participante e é elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com você e outra com o pesquisador.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com o pesquisador. Se preferir, pode levar para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Se você não quiser participar ou retirar sua autorização, a qualquer momento, não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo.

Justificativa e objetivos:

Este estudo tem o objetivo de analisar o processo de ensino-vivência-aprendizagem na esgrima em cadeira de rodas no Brasil. A realização deste estudo é importante para desmistificar e fomentar a prática de esgrima por pessoas com deficiência. Além de identificar as dificuldades e falhas no processo de ensino e obstáculos ainda presentes para o envolvimento da pessoa com deficiência na esgrima.

Procedimentos:

Participando do estudo você está sendo convidado a:

1. Responder um questionário sobre o desenvolvimento da modalidade paraolímpica ao qual você está envolvido. Você responderá o questionário de acordo a sua disponibilidade de tempo, em local tranquilo e sem interrupções. O sigilo da sua identidade será mantido pelo pesquisador apenas até o final do período de análise dos dados.
2. Como parte do roteiro, o questionário será analisado e posteriormente serão categorizados de acordo com as respostas.
3. O previsível desconforto que esta entrevista possa causar é o tempo que fica previsto em aproximadamente 20 (vinte) minutos.

Acompanhamento e Assistência:

O pesquisador estará à disposição em proporcionar assistência na forma esclarecida ou de acompanhamento ao entrevistado, inclusive após o término ou interrupção da entrevista.

Desconfortos e riscos:

A participação nas entrevistas não causa risco ou desconforto previsíveis, porém caso haja algum desconforto para o entrevistado esta será interrompida.

Benefícios:

A participação no estudo permite o reconhecimento das evoluções do esporte paraolímpico brasileiro, com identificação dos obstáculos ainda presentes para acesso e envolvimento da pessoa com deficiência com o esporte paraolímpico. Este conhecimento pode permitir a reestruturação do esporte paraolímpico.

Acompanhamento e assistência:

O pesquisador se responsabiliza por acompanhar o desenrolar da pesquisa e estará disponível para esclarecimentos sobre a mesma antes, durante e depois dos procedimentos aplicados.

Sigilo e privacidade:

Você tem a garantia de que sua identidade será mantida em sigilo e nenhuma informação será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Na divulgação dos resultados desse estudo, seu nome não será citado, sendo ainda ao pesquisador, a responsabilidade pela sua integridade durante a pesquisa.

Ressarcimento:

Para participar do estudo não é necessário qualquer custo por parte do participante, não necessitando de ressarcimento pela sua participação.

Contato:

Em caso de dúvidas sobre o estudo, você poderá entrar em contato com o pesquisador Maicon Servílio Pereira, Faculdade de Educação Física – FEF, Av Érico Veríssimo 701 Cidade Universitária Zeferino Vaz, Campinas – SP, Tel: 19-982927631, e-mail: Maicon.educ.fisica@gmail.com.

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você pode entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNICAMP: Rua: Tessália Vieira de Camargo, 126; CEP 13083-887 Campinas – SP; telefone (19) 3521-8936; fax (19) 3521-7187; e-mail: cep@fcm.unicamp.br

Consentimento livre e esclarecido:

Após o esclarecimento sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar:

Nome do(a) participante:

Email: _____

Telefone: _____

_____ Data:

____/____/____.

(Assinatura do participante ou nome e assinatura do seu responsável LEGAL)

Responsabilidade do Pesquisador:

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 466/2012 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguo, também, ter explicado e fornecido uma cópia deste documento ao participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.

_____ Data: ____/____/____.

(Assinatura do pesquisador)

APÊNDICE II

INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS

1. Qual sua titulação? (Mestre d'armas, técnico, etc.)
2. Possui formação acadêmica? Se sim, qual?
3. Quanto tempo de prática de esgrima você possui?
4. A quanto tempo você leciona esgrima?
5. Qual(is) arma(s) você leciona?
6. Para quantos alunos você leciona? Destes, quantos possuem deficiência?
7. Qual(is) a(s) deficiência(s) que seu(s) aluno(s) possui(m)?
8. O que te motivou a trabalhar com a Esgrima em Cadeira de rodas?
9. Você utiliza o método Brassard para lecionar? Caso não utilize, descreva seu método.
10. Qual a maior dificuldade de lecionar esgrima para pessoas com deficiência?
11. Descreva o método de como você aprendeu esgrima.
12. Qual o tempo médio de sua aula de esgrima para pessoa com deficiência?